



História Oral Futebol, Memória e Patrimônio - Leivinha

Data: 17/11/2011

Entrevistado: João Leiva Campos Filho

Entrevistadores: Fernando Herculiani e Clarissa Batalha

Local da entrevista: São Paulo / SP

Transcrição: Elisa de Magalhães e Guimarães e Maíra Poletto Mielli

Apresentação

“Futebol, Memória e patrimônio: projeto de constituição de um acervo em história oral para o Museu do Futebol”, uma parceria entre o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) e o Museu do Futebol, teve por objetivo a constituição de um banco de depoimentos orais (registrados em áudio e vídeo), com jogadores de futebol que participaram do selecionado brasileiro em Copas do Mundo, entre 1954 e 1982. O mapeamento da participação brasileira em Mundiais compreendeu o registro e a análise das histórias de vida desse conjunto de protagonistas. Tendo em vista a realização da próxima Copa do Mundo no Brasil em 2014, a finalidade é fornecer subsídios documentais para que se possa articular a memória esportiva à memória coletiva e à história política do país, durante os últimos oitenta anos, em uma perspectiva crítica e diacrônica.

Os referidos depoimentos foram registrados, tratados e analisados por pesquisadores do CPDOC/FGV, em parceria com técnicos, pesquisadores e investigadores do Museu do Futebol, a fim de constituir um acervo comum a ambas as instituições. A formação deste corpus documental permitirá que se registre e analise o relato de figuras centrais do futebol profissional brasileiro, em particular atletas que se tornaram figuras emblemáticas da identidade nacional.

O projeto reuniu o montante de 55 entrevistas com ex-jogadores (apenas um dirigente, João Havelange, foi entrevistado), que somadas geraram mais de 120 horas de gravação. Cada entrevista têm em média duas horas e meia de duração, e busca percorrer a trajetória do futebol e de vida de cada jogador. O processo de pesquisa, pré-produção, produção e pós-produção de todo material produzido e coletado, ocorreu entre maio de 2011 a novembro de 2012.

As entrevistas em história oral ficarão acessíveis na Biblioteca e Mideoteca do Centro de Referências do Futebol Brasileiro (CRFB/MF), e já estão disponíveis virtualmente, em versão editada pelo site do CPDOC/ FGV¹. O material decorrente da pesquisa também dará origem a outros dois produtos: um livro e um DVD, ficando aberto ainda a futuros pesquisadores e propiciando novas interpretações analíticas sobre o papel dos esportes na construção coletiva da memória nacional.

1 <http://cpdoc.fgv.br/museudofutebol>



Transcrição

(INÍCIO DO ARQUIVO I)

Fernando Herculiani – Bom, Leivinha, primeiro nós gostaríamos de agradecer muito você ter aceito o convite, até porque você falou, que não tem vindo mais, não tem falado sobre futebol. E você ter aceito o nosso convite, vir até o Museu, é uma honra ter você aquele para colhermos o seu depoimento. Nós estamos muito felizes e te agradecemos muito.

João Leiva Campos – Olha, o prazer é meu, de poder estar aqui no Museu, que eu ainda não conhecia. E termos a oportunidade... Eu, como disse, há muito tempo não participo de um programa de televisão, embora seja convidado e tudo isso. Mas estou meio afastado do futebol. Mas, um depoimento acho muito importante, principalmente que vai ficar para a história, tudo isso. Eu sei como é importante o Museu do Futebol para todos os esportistas.

F. H.– Leivinha, nós pedimos que você fale seu nome, onde você nasceu, quando você nasceu, para recuperarmos...

J.C. – Bom, vamos lá: João Leiva Campo Filho, o Leivinha é pelo meu pai João Leiva Campos, eu sou o filho mais velho, nasci em Novo Horizonte, no interior do estado de São Paulo, dia 11 de setembro de 1949. Dia 11 de setembro, agora todo mundo vai lembrar. E com um ano de idade eu fui para Lins, então, eu praticamente comecei em Lins a minha atividade esportiva.

F.H. – Quem era sua família, Leivinha? Seus pais, seus irmãos?

J.C. – João Leiva Campos, como disse, meu pai, descendente de espanhol. Minha mãe Laine Farah Leiva, descendente de sírio libanês, já viu a mistura. E eu sou o filho mais velho, depois veio minha irmã Jussara, e depois meus irmãos, Jackson e Jadir, que são gêmeos. O Dadá, é o Jackson e o Didi, é o Jadir. Então somos eu e mais três irmãos.

F.H. – Você falou da mudança de Novo Horizonte para Lins, seu pai trabalhava,



o que ele fazia que teve essa mudança assim?

J.C. – É, o meu pai era jogador de futebol também, mas não chegou a se tornar profissional. Mas jogava em equipes boas, porque antigamente tinham grandes campeonatos amadores por todo o estado, por todo o Brasil, mas vou dizer mais especificamente de São Paulo. Então, meu pai jogou no América de Ibitinga, na cidade de Ibitinga no interior de São Paulo, que já nem existe mais. Jogou no Novo Horizontino, da cidade de Novo Horizonte. Jogou no Grêmio Sílvio de Magalhães, Padilha da cidade de Lins, então o meu pai era jogador de futebol, embora amador. Depois, se formou em direito, tornou-se escrivão de polícia, depois delegado, se aposentou como delegado. E o velho mora em Sabino, uma cidade próxima de Lins, o velho está firme ainda, bem mais firme que os próprios filhos, e está com 85 anos.

F.H. – E sua mãe cuidava de vocês?

J.C. – É, minha mãe era do lar, cuidava da gente. E chegou um ponto que, por ser o filho mais velho, eu tive que fazer aquela opção... Eu estudava e tudo isso, na cidade de Lins. Porque com um ano de idade fui para Lins. Eu fiquei até ir para São Paulo. Quer dizer, eu fiquei em Lins até os 16 para 17 anos, eu fiquei em Lins. Então, eu me considero Linense por isso, porque eu praticamente só nasci em Novo Horizonte, mas passei toda a minha adolescência na cidade de Lins.

F.H. – E como era essa infância em Lins, Leivinha? O que você fazia? Estudava...

J.C. – Olha, era maravilhosa. Eu estudava no colégio do estado. Mas jogava basquete, vôlei, futebol de salão, na época... A única coisa que eu não jogava muito era o futebol de campo, porque não tinha dentro do colégio. Mas, então, eu adorava porque eu praticava todos os esportes, era muito ligado aos esportes, no colégio estadual, da cidade. Mas sempre... As vezes disputava torneios, campeonatos, de futebol de campo, e o Clube Atlético Linense, que era o time profissional da cidade, sempre falava com o meu pai, que queria que eu assinasse o contrato como profissional. E eu sempre protelava, dizia para o meu pai: “Não, não, não quero”. Queria ficar... Era muito jovem ainda.



Na época, Linense disputava a segunda divisão, então eu era muito juvenzinho, muito franzino, bem diferente de hoje. E eu sabia que ia ter muita dificuldade, principalmente naquele campeonato de segunda divisão, onde não tinha televisão, não tinha nada. Quer dizer, ali realmente era... O “pau comia”, como se dizia na época. Até que chegou em um ponto que o meu pai deu essa opção: “Ou você vai jogar o futebol...” – porque, afinal, eu era o mais velho, tinha que ajudar em casa também...

F.H. – Com quantos anos isso mais ou menos?

J.C. – Eu assinei o contrato profissional com 15 anos. Até que chegou em um ponto: “Ou você vai jogar, ou vai trabalhar. Não dá para ficar só estudando”. Então, nessas duas eu falei: “Bom, então eu vou jogar, pelo menos eu vou fazer aquilo que eu gosto” [Risos]. Trabalhar, teria que ir fazer uma coisa que eu nem sabia fazer, então eu fui praticamente obrigado a ser um atleta profissional pelo meu pai. Hoje, é claro, que eu agradeço a ele, mas na época... Aí eu assinei o contrato com Linense com 15 anos. Agora, era muito difícil, nós íamos jogar principalmente fora de Lins, e eu era um jogador com muita habilidade, muito individualista, então você imagina, muito juvenzinho, você ia jogar nesses interiores aí, não era brincadeira não, o que eu levava de pancada...Era fogo.

F.H. – Mas, Leivinha, você já chamava atenção na cidade, antes de ir para o Linense? Por que, quem é que fala: “Não, você pode ir para o Linense que lá você vai ter uma chance”?

J.C. – Claro, eu chamava atenção nos jogos...

F.H. – Mas foi alguém?

J.C. – Não, Lins, é uma cidade muito pequena. Então, é evidente que você sabe tudo o que estava acontecendo ali. Eles me acompanhavam e eu me destacava muito. Campeonatos de futebol de salão, eu lembro que na época, no colégio do estado, nós disputávamos campeonatos onde a quadra ficava lotada, com a faculdade de engenharia, com a faculdade de odontologia, porque no início tinham várias faculdades, e nós éramos todos jovens, com 13, 14 anos, e



jogávamos com adultos, que faziam faculdade, nós éramos muito jovens, e ganhávamos todas. Quer dizer, e eu me destacava, comecei a me destacar muito no futebol de salão, jogava basquete também, tinha um certo destaque, mas não como era no futebol, que era um destaque maior. E aí o Linense foi me buscar.

Clarissa Batalha – E o futebol de rua, era forte?

J.C. – Olha, o futebol de rua foi assim, quando eu tinha sete, oito, nove anos. Jogava perto de casa e tudo isso. Mas depois eu não ficava muito assim na rua porque nós jogávamos em campos de futebol desde pequenos. E eu sempre fui ligado ao futebol pelo meu pai. Quer dizer, todos os meus irmãos foram muito ligados. Ali era uma coisa que... Todos tentaram o futebol, todos jogaram futebol, eu tive mais sorte...

C.B. – Em que posição seu pai jogava?

J.C. – O meu pai era médio-volante, mas eu cheguei a jogar um jogo do campeonato contra o meu pai. Eu jogava de meia-armador na época, e ele me marcava.

F.H. – Que campeonato foi esse?

J.C. – O campeonato lá de Lins, campeonato amador.

F.H. – Você jogou no amador.

J.C. – Joguei no amador, e contra o meu pai. Uma coisa... Uma vez só, que eu me lembre, contra o meu pai.

F.H. – Você jogava no Linense já?

J.C. – Eu jogava no Linense, em uma das equipes amadoras, e meu pai jogava em uma outra equipe chamada Padilha, e aí tivemos a oportunidade de jogar.

F.H. – Você está contando que jogava na escola, jogou na rua, foi para o Linense,



e suas lembranças do futebol mesmo, profissional, você torcia para algum time, ia para estádio?

J.C. – Eu torcia para o Corinthians. Na verdade eu acompanhava primeiro, quando eu era muito pequenininho, eu acompanhava o meu pai. Eu levava as chuteiras dele, para todo lugar que ele ia jogar. Eu era o companheiro do meu pai. E os outros irmãos eram ainda muito pequenos, então eu que era o mais velho que acompanhava. E ele ia muito em Bauru, o único lugar que tinha jogos da divisão especial no caso, na época era a primeira divisão, era em Bauru, o noroeste. Mas, então, eu acompanhava todas as equipes grandes, principalmente o Corinthians. Porque, claro, o meu pai era corintiano, eu também era corintiano. E foi assim que eu... Agora depois que eu me tornei profissional, aí as coisas vão mudando. Quando você está em uma equipe pequena como o Linense, tudo bem, você pode até torcer para o time... Agora, depois, quando eu vim para cá, aí já não. A coisa mudou de figura. O corintiano já começa a te xingar, e como a torcida é grande, você começa a ficar com bronca, vai criando uma rivalidade. Então, é claro que deixei de ser corintiano e tudo isso, ainda mais depois que eu vim para o Palmeiras, uma rivalidade muito maior. Hoje eu posso dizer para você que eu sou palmeirense, eu gosto do Palmeiras.

F.H. – E nesse tempo de infância, você jogava mais ou menos em que posição?

J.C. – É, eu jogava de meia... Mais meia-armador do que meia-ponta de lança, mais na frente.

F.H. – No futsal?

J.C. – No futsal não. Eu jogava na frente. O gozado era que eu me destacava muito mais no futsal do que no futebol de campo, no início. Por isso que eu não queria me tornar profissional, porque eu gostava muito de jogar o futsal. E sabia que, se eu assinasse o contrato com o profissional, eu ia só praticar o futebol de campo, como eu era muito jovem. Mas fui obrigado, como contei anteriormente, pelo meu pai. Mas eu fiquei no Linense muito pouco tempo. Porque eu tive sorte. Muitas vezes nós íamos jogar fora, eu voltava para casa, eu até chorava. Meu pai já não aguentava mais o meu choro, porque eu

reclamava muito, que levava muita pancada, que eu não queria mais saber de jogar. Porque, como eu disse, eu pesava 62 quilos, com um metro e oitenta e um. Então, eu era muito magrinho, e, é evidente, quando você é muito jovem e vai jogar fora, para te amedrontar, o zagueiro fala: “Aquele garotinho magrinho, vamos chegar junto nele”. Então isso daí era um problema. Mas cedinho um diretor da Portuguesa, chamava-se Jorge Margi, falecido já, ele foi em Lins, ver um jogador que era a grande atração do momento lá em Lins, que era um zagueiro chamado Natalino, era um zagueiro muito clássico, tudo isso, e tinha um destaque incrível no interior. Então, eles foram lá para ver esse jogador, então viram o jogador, gostaram, e perguntaram para o presidente do Linense: “E aquele garotinho e tal?”. Que era eu, no caso. “Não, aquele garotinho é da cidade, ele estuda aí”. “Mas eu queria levá-lo também, para fazer uns testes lá em São Paulo”. “Aí, tem que conversar com o pai dele”. E falou com o meu pai, e meu pai, justamente nessa época, eu estava de férias, na semana de férias do colégio, então, falou: “Vai você junto com o Natalino”. Mas o bom, no caso, era o zagueiro central. E aí eu vim para São Paulo, eu tinha 16 para 17 anos, e foi assim que eu comecei a minha parada na Portuguesa. Como é que foi? Tive sorte, as vezes as oportunidades aparecem uma vez e você aproveita e as vezes não. Eu me lembro que quando eu vim para a Portuguesa, no primeiro treino coletivo, os dois jogadores de área da Portuguesa, de frente, os atacantes, estavam contundidos. Que era o Ivair, que era o príncipe do futebol brasileiro, não era mesmo? O Pelé era o rei, o Ivair era o príncipe. Era um jogador excepcional. E o René, que era o centroavante, companheiro dele, que era de Santa Catarina, estavam machucados. Então, como a Portuguesa não tinha um elenco muito grande, o treinador falou: “Pega o garoto, aquele garoto lá” – que eu ia treinar no time reserva – “coloca ele no time de cima, vamos ver”. Porque não tinha outro. Tinha outro, que era o Sílvio, um jogador muito bom também, que depois jogou no Corinthians. Então botou o Sílvio, faltou um. “Pega aquele garotinho que está aí mesmo e vamos ver”. Quer dizer, eu treinei no time de cima. Veja, era uma diferença muito grande, você treinar no time de baixo, ainda mais um jovem, como eu, na época, do que treinar no time de cima. E o Natalino, treinou no time de baixo. Resultado do treino, eu fiz quatro gols. E o que acontece? Essas oportunidade que são aproveitadas... No final da história o Natalino voltou para o Linense e eu que fiquei. Foi uma coisa assim, que eu nem esperava tudo isso, aconteceu. Só que eu fazia o segundo ano científico, era mês de setembro, e eu: “Mas, eu não posso deixar agora, vou só no outro ano”. “Não, tem que ser

agora”. Arrumaram um colégio para mim, para terminar o ano, e foi assim que eu comecei na Portuguesa.

F.H. – Mas, você tinha um contrato com o Linense, já recebia pelo Linense?

J.C. – É, esse contrato profissional. Eu tinha um contrato com o Linense, e eu me lembro que nesse contrato, eu tenho até em casa a Gazeta Esportiva de Lins, eu fiz um contrato que se eu fosse negociado com qualquer equipe eu ganhava 50%. Então, quando eu fui negociado para a Portuguesa, eu lembro que foi 28 mil, agora não me pergunte, que eu não lembro nem qual era o dinheiro na época. Foi em 1966.

F.H. – Que você veio para a Portuguesa?

J.C. – Que eu vim para a Portuguesa. Então, eu não me lembro o dinheiro, se era Cruzeiros, Cruzados... Mas, eu lembro que eu resolvi um problema, no momento, do Linense. Porque, saiu assim na Gazeta Esportiva, Leivinha resolve os problemas do Linense [risos]. 14 mil, ficou para o Linense, estava a relação lá do que Linense pagou. Pagou lavanderia, pagou cozinheira, pagou não sei o quê. “Pelo menos eu estou ajudando alguma coisa, já sou alguma coisa”. É até curioso esse lance, por isso que eu guardo o lance lá da Gazeta Esportiva, da época, porque eu ajudei pelo menos um pouco o Clube Atlético Linense.

F.H. – O povo ficou feliz lá, pagaram a contas...

J.C. – Nossa!

F.H. – Mas, Leivinha, você falou que com 16 anos você veio para São Paulo, você veio para o treino com o Natalino, veio só você e ele. E depois? Natalino vai embora você fica aqui sozinho?

J.C. – Agora eu vou te contar, a história é longa. No início eu nunca tinha saído do interior, agarrado na saia da mamãe. Então foi muito difícil. Eu morei sozinho um tempo. Eu me lembro que eu ia na rodoviária... Quantas vezes eu não ia na rodoviária, às nove horas da noite para ver o ônibus que saía para Lins. Ia para

ver se tinha alguém conhecido que eu queria ir embora. Chorava. Esse foi o início, o início foi terrível.

F.H. – Você morava aonde, nesse primeiro momento?

J.C. – Olha, eu morei em vários lugares. Eu morei em um hotel, perto da Estação da Luz, que era um lugar perigosíssimo, principalmente para um garoto. Morei em dois hotéis, morei em uma casa de família perto da Portuguesa, morei na Portuguesa onde é o estádio hoje, não tinha o estádio, tinha um campinho de terra lá, e tinha os quatinhos, eu morei uma época ali. Quer dizer, foram aos pouquinhos, eu fui conhecendo a cidade, fui me adaptando e mudando para lugares melhores. Agora, no começo era difícil. Ainda bem que eu tive a sorte de ter uma família, que foi muito importante, me deu uma educação muito boa, por isso que eu não me perdi nessa noite, na noite de São Paulo, na época, porque era realmente, um garoto muito jovem e tudo isso. E você sabe que a gente começa a ... Eu comecei a me adaptar, comecei a me tornar famoso e tudo isso... É evidente que um aspecto é bom, mas também é muito perigoso. Por isso que eu fiquei praticamente... Depois de um ano, um ano e meio eu trouxe meus pais. Mas foi difícil esse um ano e meio, viu? Trouxe meus pais, vieram morar comigo.

C.B. – E você se lembra qual foi a primeira impressão que você teve da cidade, chegando aqui?

J.C. – A pior possível, porque eu estava acostumado com o interior, eu achava aquilo uma loucura, tudo isso, aquele monte de gente, eu imagino, por exemplo, quando eu vejo, sei lá... Hoje já não, porque com esse lance da internet, essa globalização, é diferente, mas você imagina na época. É a mesma coisa o nordestino quando chega, ele vê todos aqueles prédios, aquilo tudo, e na terra dele não tem nada, não é? E ele fala: “Meu Deus, onde eu vim enfiar meu burro!”. Então, é a mesma coisa. Eu era um caipira do interior, próximo de São Paulo, 450 quilômetros de São Paulo. Mas, para vir morar assim, nossa foi complicadíssimo. E muitos outros vieram, a Portuguesa dava muita oportunidade ao jogador jovem. Por quê? Porque não tinha tanta condição financeira. Então, eu vim para o time certo, na hora certa. Quer dizer, na hora em que o time da Portuguesa não andava bem, os resultados não



eram bons. Então, ela pegou e dispensou muitos jogadores mais veteranos. E eu naquela leva que eu vim, na outra semana eu já estava jogando no time principal da Portuguesa, com 17 anos. Então, foi assim, uma coisa meteórica a minha ascensão. E, na época, eu me lembro que qualquer jogador que tivesse destaque em treinamentos ou partidas, já era considerado um novo Pelé. Porque se tinha a necessidade de fazer um Pelé, depois eles viam que não [risos]. Eu, também, quando fiz os quatro gols falaram: “Surgiu um Pelé branco na Portuguesa”. Aí depois ele viram que não era assim não, porque como o Pelé não tinha mesmo. Então, foi uma ascensão muito meteórica... Mas, e é por isso que eu digo, felizmente, muitos jogares vieram junto, muitos jogares jovens que entraram junto comigo, por exemplo, o Zé Maria, o Marinho Peres, depois veio também o Piá, um pouco mais novo, um ponta esquerda. E com isso, o que acontece? Eu não estava sozinho ali, tinham outros companheiros que me ajudaram, também, a me adaptar nessa selva de pedras que é São Paulo. Foi difícil, mas também, depois de um tempo, eu não queria mais voltar para o interior. Por isso que hoje, por exemplo, eu tenho uns costumes, muitas vezes, de cidade grande. Porque eu vim para cá, no início voltava, voltava, e depois, com o tempo – eu só morei em cidade grande, morei em São Paulo, morei em Madri também, então eu sou um cara que já deixei de lado. Embora, não negue as minhas origens, mas é o costume, tudo é adaptação.

F.H. – Nesse primeiro momento, como você falou, você continuava estudando. Você estudava aonde?

J.C. – Eu me formei, na verdade... Quando eu cheguei, eu disse em setembro, já era o final do ano, eu não podia perder o ano, eu já estava no segundo científico. Aí eles me arrumaram um colégio, falaram: “Nós vamos te arrumar um colégio, que ali é muito difícil você repetir. Se você repetir você ganha um fusca”. [Risos]. E na época, o fusca era um carro maravilhoso. Entendeu? Então, me arrumaram um colégio, que era o Alfredo Puca, não existe mais. E aí eu fiz lá o segundo ano, morava ali perto do Alfredo Puca, era perto da Estação da Luz, perto da Cásper Líbero. E me formei ali. E, quer dizer, para mim foi legal, porque eu comecei a viajar muito, tudo isso. Não me deu uma base muito boa, mas a verdade é que eu eu queria me formar. Nunca repeti de ano, então, era uma coisa importante, porque eu ia jogar, mas eu queria estudar também.



F.H. – Aí, você falou para a gente que logo de cara você foi treinar no profissional. Então, você não passou por juvenil na Portuguesa, aspirante, amador...

J.C. – Pois é, nunca. Por isso que eu estou dizendo. Na época o Edu, o Enéas, todos eles passaram por... Que era o normal. Mas eu nunca, não tive, eu não sei o que é infantil. Só sei lá, nos times amadores lá de Lins. Mas nunca participei de nada. Perguntavam: “Você participou de alguma seleção de base?”. Não, nem de base eu participei, eu vim direito para o profissional. Por isso que... Como eu disse, eu vim, na outra semana eu já fiz a minha estréia contra o São Paulo. Você imagina, a Portuguesa não andava bem, eles mudaram, botaram toda a garotada que tinha chegado, eu estava no meio e entrei. Na estréia do Didi “Folha seca”. O Didi jogou no São Paulo, no final de temporada, assim como o Garrincha jogou no Corinthians. Então, eu falo que eu joguei contra o Didi, eles falam: “Meu Deus, você deve estar com oitenta e poucos anos” [Risos]. Mas não é, naquela época eu tinha acabado de completar 17 anos. Então na estréia, toda aquela pompa, porque o Didi, foi um jogador excepcional, toda a imprensa só falava em Didi, e nós ganhamos esse jogo de 2 a 0, do São Paulo. Que dizer, foi importante também, a estreia sua você... Aí depois jogamos contra o Corinthians, ganhamos de 3 a 1, e o Corinthians tinha um time muito bom, assim como o São Paulo também. Quer dizer, então, a partir daí, meu amigo, aquela garotada continuou. Até foi formado o ataque “lê lê lê”, que diziam. Que era na época do lê lê lê, da juventude, da música...

C.B. – Da Jovem guarda.

J.C. – Da Jovem guarda. Entendeu? Foi justamente assim, e era o ataque nosso, da garotada. Era uma coisa curiosa, a Portuguesa ganhava dos times grandes, mas perdia dos pequenos [Risos]. Tinha uma dificuldade... Agora está mudando esse conceito, não foi só com a gente. Já tinha essa imagem, e com a gente também continuou. Então nós ganhávamos de todos os times grandes.

F.H. – E quem era essa garotada, além de você, que tinha nesse time da Portuguesa?

J.C. – Ah, tinham muitos garotos. E tinham alguns jogadores experientes, que ajudavam bastante, por exemplo, tinha o Ratinho, ponta-direita, tinha o Paes,



que depois foi jogar no Equador, que era um meia esquerda, muito bom. O Ivair, que era um excepcional jogador, que era o príncipe. Esses já eram o mais veteranos, perto da gente. Tinha o Rodrigues, um ponta-esquerda muito bom, tinha o Lourico, jogou no Vasco da Gama, era um jogador já mais experiente, tinha o Marinho Perez que era jovem, jogou na Seleção Brasileira, tinha o Zé Maria que jogou na Seleção também, o goleiro era o Félix ou o Orlando, que eram grandes goleiros, o Félix era tricampeão mundial. Quer dizer, a Portuguesa tinha mescla boa, dessa garotada e tal com alguns jogadores com mais experiência.

F.H. – E quem era o treinador nesse momento que você chega na Portuguesa?

J.C. – Olha, foi o Wilson Francisco Alves. Era um treinador que se destacou bastante na Portuguesa, nós fizemos boas campanhas, o Aymoré Moreira, também foi treinador nosso na época, o Filpo Núñez também teve uma passagem pela Portuguesa, João Avelino que também era um treinador conhecido e tal, na época... Então nós tivemos bons treinadores.

F.H. – E nesse momento, teve algum que se destacou para você? Porque eu imagino, um jovem chegando, com quase 17 anos, vai precisar de uma orientação, aperfeiçoar algumas coisas...

J.C. – Olha, eu nunca tive problema assim com treinador. Eu era um cara muito certinho, eu era um cara que não criava muitos problemas para treinador, e eles não criaram muitos problemas para mim também. Então, não teve. Para mim, o maior destaque que eu tive como treinador, foi o Oswaldo Brandão, mas aí já é em outro época, no Palmeiras. Eu, se tiver que destacar, um na Portuguesa, é Wilson Francisco Alves. Esse que quando eu cheguei, estava. Quer dizer, ele que me deu assim, muita força. Mas eu não era um cara de arrumar confusão com treinador. Eu não era rebelde não. Eu era um cara, bom profissional.

F.H. – E tinha bastante rebeldes?

J.C. – Ah, sempre tinha, não é? Eu acho que os jogadores de hoje são mais orientados. O jogador de hoje tem um empresário, pode ser bom ou ruim, mas, muitas vezes, ele ajuda. Antigamente... O meu empresário, por exemplo, era o



meu pai. O único jogador que tinha empresário, na época, era o Pelé. Que era o Ramondini, um francês que pintou aí, que foi uma revolução, era o do Pelé. Mas quase ninguém, praticamente ninguém tinha um empresário. E os próprios dirigentes do clube não tinham interesse em forçar os jogadores a estudar, não. Eles preferiam ter o jogador meio sem estudo, que era mais fácil para eles, acertarem os contratos com o jogador. Hoje não, porque a coisa mudou totalmente. Mas, naquela época, que era a época do passe, onde você ficava preso ao clube. Então, a maioria das diretorias não tinham interesse nenhum em fortalecer o ensino, a educação para o atleta. Queria que ele jogasse, e tudo bem que pertencesse ao clube, essa era a realidade.

F.H. – Como era, naquela época, a rotina de treinamento? Onde vocês treinavam, como era, o jogo, viagem...

J.C. – Olha, a Portuguesa não tinha campo. Então, a Portuguesa treinava em Guarulhos, alugava aqui, depois a gente ia... Treinava na Cruzeiro do Sul, outro campo lá... Quer dizer, não tinha, eu não cheguei a ver. Hoje, quando eu passo na Portuguesa, ou quando eu vou em algum evento no estádio da Portuguesa, eu falo assim: “Olha, eu tenho uma participação aqui”. Eu brinco assim, porque quando eu fui negociado da Portuguesa para o Palmeiras, era o Oswaldo Teixeira Duarte, que era o que fundou o ... Foi ele quem me negociou com o Palmeiras, então eu tenho uma participação... Eu não sei qual participação que eu tenho ali, mas eu tenho alguma participação no estádio da Portuguesa. Agora o Palmeiras não, o Palmeiras treinava no Palestra e treinava em outros lugares também, não treinava só no Palestra, não. Mas não tinha nenhum C.T. como tem hoje e tal, principalmente as equipes grandes. Então, antigamente não tinha, não tinha lugar certo para treinar, as vezes o Palmeiras treinava em Guarulhos também. Não era constantemente que se treinava no campo, porque se não o campo não iria aguentar, o Palestra.

F.H. – Qual é a diferença, pra hoje, se a gente for pensar, dos treinamentos mesmo, físicos, os equipamentos?

J.C. – Mas a diferença! Diferença nos equipamentos, na medicina que evoluiu bastante. Hoje existe uma preocupação maior com o atleta em todos os sentidos. Antigamente não, você jogava em cada campo que nossa, parecia um pasto. A

verdade era essa. Mesmo você jogando... Isso aí eu estava acostumando quando eu jogava em Lins lá. Quando a gente ia jogar nas fazendas. Era um absurdo. Hoje não, existe uma preocupação com o gramado, e tudo isso. Antigamente não, a condução, a alimentação... Hoje tem nutricionista, fisiologista, antigamente não tinha nada disso, então era bem diferente. Se treinava o que? Uma vez por dia. Hoje se treina duas vezes por dia, hoje tem uma piscina que pode ajudar, você entra no lance ali com um gelo para facilitar a musculação, antigamente não. Se você entrava em uma piscina depois do treino: “Vai estragar seus músculos...”. Era outra mentalidade. Então, a medicina evoluiu muito, as próprias cirurgias do qual eu sou especialista, principalmente, no joelho. Você sabe que antes você fazia uma cirurgia, eles te abriam o joelho, você ficava quatro, cinco dias no hospital, depois eles te engessavam, você ficava dois, três meses fora, quando tirava o gesso, nossa, você tinha uma atrofia violenta, você demorava no mínimo seis, sete meses para poder iniciar um trabalho de fisioterapia. Hoje você faz artroscopia, que você nem abre mais o joelho, você faz uns furinhos ali, o médico vai lá faz o lance, você já sai dali fazendo exercícios dentro do hospital. Quer dizer, dali a vinte dias, talvez até antes você já está em atividade, então a coisa mudou completamente. O próprio material de trabalho. A bola, por exemplo, eu digo, pobres goleiros! Sempre contra os goleiros, antigamente era aquela bola horrível que se chovesse pesava 20 quilos. A camisa, noosa, aquela camisa pesava então na chuva, que loucura! Hoje é impermeável, então existe... Não se pode comparar, nesse aspecto, que hoje as coisas estão bem melhores nesse sentido.

F.H. – Leivinha, você começa a se tornar um jogador de destaque na Portuguesa, vários jogos... Como é esse período, até chegar ao Palmeiras?

J.C. – Olha, a Portuguesa, como eu disse, ganhava dos grandes e perdia dos pequenos, mas não era nunca campeão. Mas a Portuguesa tinha uma coisa, na época a Portuguesa era uma das três equipes que mais viaja para o mundo todo. Por quê? No Santos, tinha aquele esquadrão, tinha o Pelé que é o maior e o melhor de todos, era o que viajava. O Botafogo, tinha o Garrincha, e além disso tinha outros jogadores, mas tinha o Garrincha e tal... E a Portuguesa tinha o Príncipe, o único jogador que realmente era o mais famoso era o Príncipe, que era o Ivair. Mas, enquanto o Santos cobrava 50 mil dólares, na época, por jogo. 50 mil, você imagina que, hoje, a Seleção cobre um milhão para qualquer

joguinho. 50 mil dólares, na época que era um dinheiro absurdo. A Portuguesa cobrava dez mil, porque ninguém conhecia a Portuguesa. E chamava Portuguesa Carioca, por quê? Porque todos os brasileiros eram cariocas [risos]. A gente não gostava, existia uma rivalidade muito grande na época. Ainda bem que acabou com tudo isso, essa globalização, não é? O negócio de Rio e São Paulo era uma guerra. E então, Portuguesa Carioca! E existia uma outra Portuguesa que era carioca, mas para eles todo brasileiro era carioca. Mas nós viajávamos, e como éramos muito jovens, conhecíamos o mundo. Nós ficávamos dois meses fora, chegamos uma vez, a ficar vinte dias na Alemanha comunista, dentro da Alemanha comunista. Só para atravessar o muro ali, foram umas três horas. E nós íamos só para jogar. Você entendeu? Então, eles tinham que fazer a propaganda de mais algum outro jogador, aí um dia nós vamos para a Itália, aí eu vejo na Itália, a propaganda de um jogo, tipo aquelas que tem no interior, quando vai jogar, fica pregado ali e tal. Aí dizendo assim: “Ivair, o príncipe do futebol brasileiro, o destaque da Portuguesa. E Leivinha, o único jogador que passou a bola por debaixo da perna do Pelé”. Quando eu vi aquilo eu falei: “Meu Deus o que é isso!”. Realmente teve um jogo que aconteceu isso aí.

F.H. – Ah isso aconteceu?

J.C. – No Paecambu, nós fomos jogar contra o Santos e a bola estava indo para fora, e eu dominei a bola, aí eu sofri um assédio assim, de um adversário, eu nem sabia que era o Pelé, e eu como não tinha saída, pequei levei a bola um pouco para cá, e toquei, porque não tinha espaço, tentei jogar a bola por baixo da perna, e deu certo. Aí eu saí do outro lado, ele me agarrou e tal, mas me deu uma força, eu era garotão, ele falou: “Mas valeu garoto!”. Mas ele não me deixou prosseguir. Mas aquilo aconteceu, as vezes os caras me perguntam, eu falei: “É, eu não sabia. Se eu soubesse que era o Pelé, eu acho que não iria tentar essa jogada”. Quer dizer, mas você imagina quando eu vi aquilo ali eu falei: “Meu Deus! O que eles não fazem para promover o espetáculo”. Principalmente a Portuguesa, pelo menos não era só o Ivair, que era um destaque, eu também já era aí. Quer dizer, a Portuguesa era isso, era importante para nós, que éramos todos garotos – não ganhávamos absolutamente nada – mas viajávamos por toda... Viajamos para Nova York, fomos duas ou três vezes no torneio de Nova York, por toda a América Central, na Alemanha comunista como disse, nossa, na Itália, íamos muito na Itália, na Iugoslávia, na época era a Iugoslávia. Nós

éramos muitos jovens e tornávamos internacionais, não é? Com isso nós fomos importantes para o time da Portuguesa, porque era tudo garotada, e nós fomos nos aperfeiçoando e nós tínhamos um time muito bom, só faltava ser campeão. Mas era um time que chegava e complicava tudo isso, e com isso nós fomos crescendo individualmente. Também fomos crescendo. Porque na época se eu viesse para um Palmeiras, para um Corinthians, para um Santos ou para um São Paulo, eu pela minha idade, jamais me colocariam na equipe de cima, eu teria que fazer estágios, que seria uma coisa normal. Porque essas equipes na época só trabalhavam com jogadores já formados, para jogar como titular. E a Portuguesa não, como a Portuguesa não podia bancar jogadores mais caros, ia buscar a garotada, do interior principalmente, que era o celeiro, na época, de jogadores. Então, por isso que eu digo que eu tive muita sorte, porque além de vir para a equipe certa, na época. Tive a sorte de no primeiro treino, treinar no time de cima.

F.H. – E como vai ser esse momento da saída para o Palmeiras?

J.C. – Então, eu tinha um amigo, um amigo de dia a dia, cotidiano, que era o Candinho, treinador de futebol, José Candido Souto Maior. Então, ele estava sempre com a gente e tal, e ele chegou a jogar no Palmeiras nas equipes de baixo, e ele era muito ligado a um diretor do Palmeiras na época, Domingos Ianacone, que era um diretor do Palmeiras, e ele trabalhava junto com esse diretor. E ele até dizia assim: “Eu ainda vou te levar para o Palmeiras”. E eu até brincava: “O que é isso!”. E ele conseguiu convencer esse diretor a conseguir outros diretores para comprarem o meu passe. Porque, na época, o Brandão que era o treinador do Palmeiras, e o Brandão não tinha interesse em me contratar. Ele depois ele sempre me disse isso, não por causa de mim como jogador, mas porque ele tinha um jogador, que era muito bom na época, que era o Hector Silva, um uruguaio, que era da mesma posição minha, então não havia a necessidade naquele momento de buscar um jogador, porque ele já tinha um. Mas esses diretores, não sei quantos, compraram o meu passe junto ao Oswaldo Teixeira Duarte, que era o presidente da Portuguesa. E como o Oswaldo estava pensando em construir o estádio e tudo isso, necessidade e tal, ele achou interessante a proposta e me negociou, assim eu fui para o Palmeiras.

F.H. – E você, Leivinha, você sentia necessidade de sair da Portuguesa? Porque nós vimos que você gerou uma... Todos os times... Nós buscando nas reportagens antigas vimos que existia atenção de todos os times, havia uma disputa para ver quem compraria o Leivinha e tal.

J.C. – É, como eu era um jogador de destaque... Eu lembro que uma vez na revista Placar, da época, saiu na época, eu com várias camisas jogadas em cima. Que eram as equipes que queriam me contratar, tudo isso. Mas, para mim já chegou em um ponto, quer dizer, eu tinha ficado praticamente cinco anos na Portuguesa, eu já tinha mais de vinte anos, e eu falei assim: “Olha, eu acho que eu já cumpri a minha etapa aqui na Portuguesa”. O problema da Portuguesa é isso, eu tinha o maior carinho, como tenho até hoje, pela Portuguesa, mas era um time que não ganhava. Eu queria ganhar alguma coisa. Eu estava acostumado lá em Lins, a ganhar, pelo menos aqueles negócios de futebol de salão. Eu queria ganhar! Mas eu ganhei. Ganhei o quê? Experiência, porque para mim foi ótimo. Quando eu fui para o Palmeiras, eu já fui com uma certa experiência, eu não fui como um garoto sem nenhum... Eu já fui perfeitamente adaptado a São Paulo, já tinha passado aquela fase brava do início, então eu já fui para o Palmeiras, para buscar a Seleção. E eu já tinha sido convocado para a Seleção. A Portuguesa era um time, na época a Seleção tinha... Existia uma política incrível, quem comandava tudo era o Rio de Janeiro. E era difícil chamar, para você ver era difícil chamar o Ivair, que era o grande jogador da Portuguesa. Por quê? Porque a Portuguesa não tinha força nenhuma nos bastidores, e isso era importante também. Quer dizer, se a gente dependesse dos árbitros para a Portuguesa, nossa senhora! A gente via cada jogo da Portuguesa que era prejudicado pelos árbitros, de uma forma incrível. Então, a Portuguesa quando ganha é porque o time é bom. Como a gente viu agora na Série B. Porque se depender dos árbitros não vai ter nenhuma ajudazinha ali não. Então foi assim, chega uma época em que você diz: “Já cumpri minha missão, vou partir para uma outra”. E foi assim que eu fui para o Palmeiras.

F.H. – Mas essa primeira passagem pela Seleção, com a Portuguesa?

J.C. – Com a Portuguesa, eu tive só jogos amistosos, eu fiquei até 1971. Eu achava que seria muito difícil ir em 1970, mas em 1969, 1968, eu tinha 17, 18 anos....eu já ia, em alguns jogos amistosos eu ia.

F.H. – Quem era o treinador?

J.C. – O Zagallo. Mas a primeira vez que eu fui para a Seleção, era o Feola. Eu tive uma pequena passagem. Eu tive uma vez, quando a rainha Elizabeth veio aqui no Rio, aqui no Maracanã, eu lembro que eu fui convocado, só que claro, quem jogava era o Pelé. Era muito difícil jogar. Mas o Pelé tinha que entregar sei lá o que para a Rainha e estava chovendo, então ele tinha que se trocar, então, ele saiu faltando uns quinze minutos, eu entrei. Uma vaia! Mas eu dava risada, só entrar no lugar do Pelé já era importante.

F.H. – Brasil e quem?

J.C. – Pois é, eu não me lembro. Sinceramente eu não me lembro. Eu sei que foi quando veio a Rainha Elizabeth e eu acho que só veio uma vez, assistir um jogo no Maracanã. Mas eu não me lembro com quem foi não. E, algumas vezes, com o Pelé, por exemplo, joguei também contra a Seleção Paranaense, na época a gente tinha muito esse lance, contra uma seleção ou contra uma equipe. A Seleção jogava contra. E nessa vez aí, eu lembro que eu joguei um pouquinho com o Pelé, jogava o Tostão, o Dirceu, o Jairzinho. Joguei um pouco assim e tal. Aí chegou a de 1970, que era a Seleção maravilhosa, aí eu não fui. Fui em 1972, na Minicopa, aí na Minicopa eu fui convocado. A gente ganhou de Portugal de um 1 a 0 no Maracanã.

F.H. – Mas nesse comezinho do Palmeiras, como foi a adaptação com o Brandão, como você vai ganhar espaço na equipe?

J.C. – Então, o que acontece? O Palmeiras estava disputando uma Libertadores. E eu não estava inscrito, então eu estava fora, só estava treinando com o time. Aí quando o time foi desclassificado eu joguei. Nós fomos jogar uma vez com o Corinthians, foi um dos maiores jogos que teve entre Palmeiras e Corinthians, mas a vitória foi do outro lado. Foi o 4 a 3, que ficou famoso! Estava 2 a 0 para o Palmeiras, dois gols do César, e eu entrei no segundo tempo e já fiz um gol. E depois... Bom, foi 4 a 3. Aí, depois desse jogo em que eu entrei no segundo tempo, eu não saí mais.

F.H. – Você entrou no lugar do uruguaio?

J.C. – É, do Hector Silva. Porque o time já não estava mais disputando a Libertadores... E eu comecei a jogar e não saí mais.

F.H. – Isso em 1971, já no primeiro ano?

J.C. – Já.

F.H. – Em 1971 tem o Campeonato Paulista também, que vocês são vice-campeões?

J.C. – É, aí teve esse lance meu que, até hoje, tem que responder, do gol, se foi com a mão, se não foi com a mão. Na verdade, o empate favorecia o São Paulo. E o São Paulo estava ganhando de 1 a 0. E, no início do segundo tempo eu fiz esse gol, normal, de cabeça, e o Armando Marques anulou. O auxiliar, que era [inaudível], ele foi para o meio de campo. Mas o Armando era um árbitro famoso que apitava várias finais, mas ele queria ser a atração. Quer dizer, se ele tivesse uma dúvida jamais ele iria falar para o auxiliar. Ele tomava a decisão dele, e ele foi infeliz, e àquela altura poderia mudar o jogo. Mesmo com aquele gol, a gente tem que falar isso, o São Paulo ainda era o campeão, mas foi, eu acho, aos 20 minutos, 17, não sei. Nós estávamos em cima, poderia... Depois daquilo, meu amigo, sobrou para um médico que estava lá no Morumbi, não sei o que ele estava fazendo, um torcedor do São Paulo, que não tinha nada a ver com a comissão, não sei o que ele estava fazendo lá dentro. A bola saiu para fora, ele segurou essa bola, sobrou para ele. Aí foi todo mundo em cima dele, os jogadores em cima dele, ele correndo para o vestiário. Aí não teve mais jeito... Então foi assim que... Para você ver como ficou marcado esse lance, em 1971, até hoje os caras ainda perguntam para mim. Não é só palmeirense, é são paulino, corintiano: “E aquele gol?”. Eu falo: “Outra vez!”. [Riso]. Não é brincadeira. E gozado que, quem gerou a imagem foi a TV Cultura, e sumiu a imagem. Então, não é, por exemplo: “Vamos ver aqui, não é?”. Sumiu, ninguém sabe. Só apareceu depois de um tempo, aí depois de um tempo, claro, como a coisa já... Aí você já... É igual crime, a pessoa comete um crime, você fala: “Que absurdo! Que coisa!”. Depois de seis meses você nem lembra mais o que aconteceu. Mas é assim, a realidade é essa, foi o que fizeram. Eu não sei qual foi o são paulino que levou lá. E foi isso que aconteceu. [Risos]. Aí depois quando voltou, tudo bem, aí tinha aquela imagem de parar, aí viram que a bola estava

aqui, na cabeça. A mão estava próxima? Claro. Você tem que ter o equilíbrio, você não pode pôr a mão no bolso para cabecear. Aí não tem jeito. Mas aí já tinha passado a coisa.

F.H. – Vendo a imagem, Leivinha, desse gol. Um dos motivos, parece, é que ela é muito forte. Eu acho que era uma das suas características o cabeceio, você tinha um treino especial para isso?

J.C. – Não, não tinha treino. Acontece que... É por isso que eu digo, o Pelé foi o melhor de todos, por quê? Porque o Pelé tinha todas as virtudes, ele sabia cabecear, sabia chutar com a perna direita, sabia chutar com a perna esquerda, até no gol ele era bom. Parece que foi tudo de bom para ele. Eu tinha essa facilidade, de cabeça. Eu tinha uma impulsão muito boa e cabeceava muito bem. Entendeu? Então, já que eu tinha isso daí, eu comecei a me aprimorar cada vez mais. Então, desde a época da Portuguesa eu comecei. Eu joguei basquete também, então tinha boa impulsão e tudo isso. Sei lá, eu acho que também é coisa da gente. Eu tenho um irmão também, que era zagueiro central, que também subia muito. Então, eu acho que é uma questão genética. E já que eu tenho isso aí de bom, eu vou... E foi assim que começou a coisa, levei o negócio a sério, é por isso que eu consegui ter destaque no lance do cabeceio.

F.H. – Então, você contou para a gente, foi quase, ficou no vice-campeonato, esse lance...você não conseguiu, ainda ser campeão nesse primeiro ano.

J.C. – É, foi depois. Em 1972, nós disputamos cinco torneios e ganhamos cinco. Aí foi o grande ano do Palmeiras, ganhamos o Torneio Mar del Plata, na Argentina, contra o Boca, o São Lourenço, times bons. Ganhamos o Torneio Laudo Natel, ganhamos o Campeonato Paulista, o Campeonato Brasileiro, ganhamos o Troféu Carranza, em Cádiz, na Espanha. Aí a coisa... Tudo isso saiu, aí o Palmeiras montou um time muito bom, um time que até... Ainda bem que a gente é lembrado por isso, não só por aquele gol, o fatídico gol de cabeça, mas hoje, é gostoso quando depois de tanto tempo o cara, torcedor, não precisa nem ser do Palmeiras, lembra daquele time do Palmeiras. É uma coisa tão difícil, não é? De você lembrar. Por exemplo, o time do Santos, eu lembro, o melhor ataque que eu vi: Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe. Agora, os outros jogadores do Santos, muitos eu já não me lembro, da

escalação toda. E eu ouço hoje, a gente vai muito para o interior, nos eventos, e tudo isso. A gente vê, e não é só torcedor do Palmeiras, que lembra daquele time completo, daquela Academia, uma das Academias.

F.H. – A segunda.

J.C. – Então, você fala, poxa legal! Então esse time foi bom realmente. Então, o Brandão conseguiu. A maior parte dessa fase boa do Palmeiras, foi com o Osvaldo Brandão, ele conseguiu destaque com esse time, um time que foi muito regular.

F.H. – Esse time ficou conhecido como a Segunda Academia. E o ambiente de vocês, era bom? Você fez amigos ali, vocês conversavam no treino.

J.C. – Era legal, era bom, era um grupo heterogêneo, como são todos. Não adianta que não existe esse... O importante é você ali dentro. Porque eu não tinha a mesma amizade com um do que com outro lá fora. Mas, ali dentro, o importante é ali dentro, no seu trabalho, você pensar em uma única coisa. Então, eu acho que o Brandão conseguiu isso. Ali dentro.

F.H. – Era muito mérito Brandão?

J.C. – Não tenho dúvida. Ele era um grande psicólogo. Ele queria absorver tudo, era um pouco ditador. Naquela época tinham uns treinadores meio assim, mas eu gostaria de ter trabalhado com o Telê, os caras falam que o Telê também era um cara que absorvia tudo. Mas eu não tive essa oportunidade de trabalhar com o Telê, mas então... O Brandão para mim foi... Embora eu não gostasse muito dele, assim: ele montava uma equipe, mas queria mandar mais que o médico, mais que o preparador físico... Sabe? Para aguentar ele, não era fácil não. Eu brincava com o médico e com o preparador físico. Mas ele é um cara que vivia o futebol, de manhã, de tarde, de noite. Era um cara que aglutinava tudo aquilo ali, mas era um cara que merecia ter sucesso.

(FINAL DO ARQUIVO I)

(INÍCIO DO ARQUIVO II)

Fernando Herculiani – Leivinha, então você estava falando desse grande time do Palmeiras, que foi organizado pelo Brandão. E como surge a Seleção Brasileira, para você, de uma maneira diferente lá daquela primeira vez, agora já nos titulares.

João Leiva Campos – Em 1972, foi a Minicopa, a Copa da Independência. Que eu fui convocado, mas era reserva, jogava o Paulo César, o Caju. E eu dizia, que naquela época tinha muita rivalidade entre São Paulo e Rio, era uma coisa impressionante. Eu achava tudo aquilo um absurdo, porque se você está em Seleção Brasileira, você não tem que ver se o cara é de um estado ou do outro, é tudo a mesma coisa. Mas, não era assim. Era realmente ruim, inclusive para o entrosamento dos jogadores, de uma equipe... E o Paulo César Caju que era um grande jogador, era um cara muito polêmico. Um cara que tinha muitos problemas, inclusive problemas de preconceito, ele era incrível. Mas era um grande jogador, sem dúvida. Então, ele quando vinha jogar aqui era impressionante porque ele era vaiado e o negócio todo, eu sei que jogava o Jairzinho, o Rivelino, o Leão era o goleiro, e viemos jogar aqui em São Paulo contra a Iugoslávia. E ele não estava bem, e eu entrei no lugar dele. E tive muita sorte, porque fiz dois gols. E foi a virada, nós ganhamos de 3 a 1. E ali eu assumi a posição. E até eu joguei na final contra Portugal, joguei meio tempo e depois entrou o Dário, o Dadá Maravilha no meu lugar, no segundo tempo. Ganhamos de 1 a 0, gol do Jairzinho. Aí eu já era um cara que está sempre à mercê de ser convocado para a Seleção. Aí em 1973 teve excursão, visando a Copa de 1974, na Alemanha. Nessa excursão foram convocados cinco jogadores do Palmeiras. Foi o Leão, o Luiz Pereira, Alfredo, eu e o César. Então, nós fomos fazer essa excursão que durou quase um mês. E, no final, só eu, o Leão e o Luiz Pereira, é que voltamos como titulares. E foi assim que eu fiquei com um nome já legal com a Seleção Brasileira.

F.H. – E quando você falou dessa questão de rivalidade entre Rio e São Paulo, onde era esse clima, torcida, onde mais?



J.C. – Não, não. Os jogadores. É claro que torcida também, tudo isso, mas muita coisa de torcida você tem que esquecer, não tem esse lance. Mas tinha muito problema. Estou dizendo pela Copa da Alemanha, você vai com o maior sonho e tudo isso, e as vezes é deturpado o ambiente, por problemas, broncas, sabe? O que não tem nada a ver. Porque ali você está visando uma única coisa, buscar ganhar o título e tudo isso. Agora, quando nós fizemos o último jogo amistoso que foi na Basileia, ali na Suíça. Depois a gente ia já para a Alemanha, na Alemanha a gente sabia que todas as atenções iam estar voltadas para o Brasil. Por quê? Porque o Brasil era o último time campeão, em 1970 campeão. Não só todas as atenções, como toda a segurança também. Então, a gente viveu ali, parecia... Eu não posso dizer o que parecia, porque eu nunca tive em Auschwitz, nunca tive em campo de concentração, mas era uma loucura. Teve a chacina de Munique em 1972, então você imagina... O Brasil, time campeão, nossa! Parecia que você estava em um campo de concentração, foi difícil. Enquanto, por exemplo, os holandeses, os alemães... Os alemães, claro, estavam em casa. Nos hotéis tinham as namoradas, as esposas, não sei o quê. Holandês também. A gente ficava preso ali que não podia nem sair, aquilo foi uma loucura.

F.H. – E sua posição na Seleção, Leivinha?

J.C. – Aí o que acontece, o Zagallo como treinador, aí o Zagallo me colocou como centroavante. Por quê? Porque o Jairzinho não queria jogar na posição dele. E o Jairzinho como era o furacão da Copa... Foi muito bem em 1970 e era um grande jogador. Só que ele chegou, e exigiu que não queria jogar, queria jogar na minha posição. Então, tinha que colocar alguém de centroavante, só que o Zagallo... Foi o Mirandinha, foi o César, que era centroavantes, de ofício. Eu não. Eu era um jogador que jogava mais atrás, não era um trombador, aquele cara que joga de... O Zagallo mandava eu ir é claro que eu tinha que ir, porque eu jogava na Seleção não podia chegar também e... E o Jairzinho, quer dizer, eu achava errado isso aí.

F.H. – Com o Zagallo não tinha conversas?

J.C. – Olha, eu não posso falar nada do Zagallo em relação a eu como jogador, ele gostava de mim. Entendeu? Mas dessa forma é difícil. E existiam alguns



jogadores, por exemplo, o Paulo César Caju, o Jairzinho, que eram dois grande jogadores, eles já tinham sido contratados pelo Olympique de Marseille, entendeu? Então, eles já não forma os mesmo jogadores que foram antes. Você entendeu? Isso tudo contribui de uma forma negativa, porque eles eram jogadores muito importantes pela experiência deles, como o Rivelino também. O Rivelino também foi em 1970 e muito bem. Como o Jair, o Paulo César foi reserva. Mas era um jogador que podia nos ajudar bastante. Então, eu acho que faltou isso daí, faltou o Zagallo entrosar mais. Então, eu acho que isso aí faltou, por isso que eu digo, o Zagallo é um... Eu como treinador, sinceramente, não faz a minha cabeça. Embora, eu acho que, pelo que ele representa para o Brasil, como jogador e como campeão do mundo é uma coisa que ninguém pode esquecer o Zagallo. Agora eu sinceramente fiquei decepcionado porque achei que ele não soube aglutinar os jogadores. Existia muitos jogadores para cá, muitos jogadores para lá, e ele não soube como fazer isso. Eu joguei o terceiro jogo contra o Zaire, você vê o primeiro jogo foi 0 a 0, o segundo jogo foi 0 a 0, no terceiro jogo contra o Zaire, que precisava ganhar de qualquer jeito, como ganhou. Eu, no início do jogo, o goleiro, pela falta de experiência, o goleiro se jogou por cima do meu tornozelo, eu tive uma torção muito forte, não dava tempo de recuperar, tive que engessar, então eu vi a Copa só de gesso. Com o gesso e tudo isso não pude mais jogar. Mas você estava junto ali, você via que faltou assim uma autoridade maior do treinador para poder... Porque com jogador você não pode ser tão bonzinho, também. E como é um grupo heterogêneo, com alguns jogadores tem que dar um pirulito para eles, é a forma de você conseguir as coisas, com o outro você tem que mandar para aquele lugar, então, eu acho que o Zagallo não soube fazer isso. Não soube como fazer o treinamento certinho para poder tirar dos jogadores o máximo do rendimento. Você não pode tratar todo mundo igual porque não tem nada a ver. Você tem que conhecer os caras, então faltou isso para ele. Infelizmente, quer dizer, eu fiquei decepcionado porque, se você perde e você vê o outro time: "Não, realmente esse daí...". Mas eu acho que a gente, realmente, poderia conseguir uma coisa melhor. Podia até não ser campeão, porque Alemanha dentro de casa, a Holanda que fez um futebol realmente... A gente estava torcendo para a Holanda depois. Entendeu? Porque foi um futebol revolucionário, tudo isso. Agora não dá, perder para a Polônia, esse lance, realmente, não estava no script. Podia perder da Alemanha, até da Holanda nós podíamos ganhar, se faz os dois gols, que nós perdemos no início. Eles estavam tremendo contra

a gente, contra o Brasil, a própria Holanda. Agora, depois não. Depois que fizeram o gol, aí não teve jeito, realmente mereceram ganhar.

F.H. – Só para a gente recuperar, entender um pouquinho, sua lembrança da Copa de 1974. Quando começa a preparação, você lembra como foi esse processo de preparação, você foi convocado... É uma emoção, jogar uma Copa do Mundo?

J.C. – É, depois que... A emoção mesmo é quando você é mais jovem e que você, pelo rádio, fica ouvindo para ver se vai sair o seu nome. Mesmo que seja jogo amistoso. Entendeu? Porque depois, você já passa a ser um nome certo. É, o que eu digo, hoje a gente vive assim... Eu sempre falo que eu fiz a minha parte, mas agora, ainda bem que a família continua com o Lucas, o Lucas Leiva. Aí você vê, chega, por exemplo, meu irmão: “Será que ele vai?”. “Claro, já está. Rapaz, ele é um cara que o treinador gosta dele para caramba”. Pode até nem jogar, mas você já virou figurinha fácil para as convocações, difícil é não estar. Ele está em todas aí. No início ficava assim, depois... Agora, claro, Copa do Mundo é Copa do Mundo. Agora, sinceramente eu não me lembro. Eu me lembro daquelas outras que ficava no radinho, ou as vezes nem ouvia, falava para alguém: “Olha e depois você me liga, mas me liga só se eu fui convocado”. Mas é uma sensação maravilhosa, você participar de uma Copa e saber que em um país de mais de 100 milhões e você está ali representando. Por isso que eu fiquei decepcionado, porque eu vi tanta coisa errada ali. Eu falo: “Pô, você vai com a maior das boas intenções, para dar o máximo, e você vê coisas que não podem acontecer”. Aí você fica decepcionado. Aí depois, como eu fui para a Europa, eu sabia que dificilmente voltaria a ser chamado, principalmente porque... Aí que eu não tive, apareceu a oportunidade como titular, embora de centroavante, mas apareceu. E foi 0 a 0, 0 a 0, para um atacante isso daí é terrível. Então, eu via que ficou muito difícil. Aí eu me conformei que, pelo menos, eu participei de uma Copa do Mundo, e eu tenho que conviver com isso.

F.H. – E você lembra onde foi a preparação, aqui no Brasil, dessa Seleção... Onde vocês treinavam?

J.C. – Não, a gente treinava... A gente se concentrava no Retiro dos Padres, no Rio de Janeiro, e treinava em Itanhangá. Treinava ali onde era o campo, o

negócio do golf, em Itanhangá. A gente treinava ali.

F.H. – Foi muito tempo?

J.C. – Ah foi bastante tempo. Muito tempo. E teve essa excursão de mais de um mês. Nessa excursão que teve o famoso Manifesto de Glasgow, quando nós fomos jogar na Escócia, o time não estava conseguindo bons resultados, e a imprensa começou a dizer que os jogadores estavam bagunçando, e não era verdade. E aí nós resolvemos assinar um pacto que não daria entrevista, para quê, não é? Arrumamos uma briga errada. Porque arrumar briga com imprensa, meu amigo, eu vou te contar uma coisa. Ainda mais a imprensa brasileira. Que a brasileira, os estrangeiros não se conformavam, porque porra, tem 50 caras que cobrem a Seleção aqui da Espanha, no Brasil tem 3 mil. Entendeu, é uma coisa... Então, aquilo lá foi triste também. Porque realmente, muita coisa que a imprensa falava era mentira.

F.H. – Como é que foi esse episódio?

J.C. – Então, em Glasgow nos fomos jogar e quando chegamos lá, saiu umas notícias aqui de jogadores que estavam saindo para a noite, e não sei o que... E não era verdade, muitos jogadores casados, inclusive, sabe deu um rolo danado. Aí nós resolvemos, o Piazza que era o capitão na época, o Coutinho, o falecido Cláudio Coutinho, que redigiu o manifesto, falando: “Não damos mais entrevista para a imprensa”. Depois de uma semana tivemos que voltar a dar entrevista para a imprensa. Deu um rolo danado, quer dizer, e sempre houve esse problema, o Brasil mesmo em 1970 também, e nos amistosos também teve resultados adversos. É uma coisa até comum. O Brasil ter [inaudível] só de vitórias, vitórias.

F.H. – Nenhum time.

J.C. – Nenhum time. É difícil..

F.H. – Mas, falando desse negócio de imprensa, o embarque, quando vocês saem do Brasil, para a Alemanha. O clima da imprensa, da torcida, era otimista? Vocês iam empolgados para lá?



J.C. – A gente sim, empolgados e tudo isso. Mas a imprensa sempre com dúvidas. Mas é uma coisa normal, o Brasil, e principalmente, o Brasil depois de 1970... O Brasil em 1970 tinha um time maravilhoso, só tinha craque na frente. Tanto é que o Zagallo, teve que botar o cara fora da posição, porque era só craque. O Riva, o Tostão, o Pelé, o Gerson e o Jairzinho. Já em 1974, os caras não quiseram ir, o Pelé não quis ir, tudo isso. Já não eram só craques, eram bons jogadores, então você imagina a imprensa, a imprensa cobra muito. Principalmente aqui no Brasil, você vai ver agora como é que vai ser esse 2014. O Brasil já não está com esse bola toda, então, o que acontece? Os outros times cresceram. Meu amigo, então você vai ver a imprensa... Então, não é fácil não.

F.H. – Quando começa a Copa então, como você falou, primeiro jogo é contra a Iugoslávia, 0 a 0. Como foi esse jogo, difícil mesmo? O time da Iugoslávia era muito bom? O Brasil estava mal?

J.C. – Era. A Iugoslávia sempre teve um time bom, o jogador iugoslavo era muito parecido com o brasileiro, em termos de habilidade, tudo isso. Sabe? Então, eles tinham um time muito bom. E não adianta falar que o primeiro jogo... o primeiro jogo é complicado, mesmo para aqueles jogadores que tinham experiência, é o primeiro jogo. Por isso que, eu vou te contar, é importante, no primeiro jogo, você conseguir ganhar mesmo que não jogue bem, tudo isso. Nossa, porque olha, por mais que você... Você fica ansioso, imagina eu, primeiro jogo, primeira Copa do Mundo...

F.H. – Foi na cidade em que vocês estavam? O Brasil jogou em só um lugar, era onde vocês estavam concentrados?

J.C. – Não. Foi em alguns outros lugares, a gente concentrou, uma época, na Floresta Negra, um lugar meio separado no início, e depois a gente foi mudando.

F.H. – E o jogo seguinte é contra a Escócia.

J.C. – Contra a Escócia. Que é um time de defesa, aí já é diferente, a Escócia é diferente. A Iugoslávia ainda é um time habilidoso, que vai para frente e tudo isso. Agora a Escócia não. A Escócia é aquele futebol, de defesa para caramba.



Eu tive bola na trave, aquele negocio todo, tentei cabecear... Mas o time não se acertou. Além de não fazer uma grande partida, encontrou uma defesa... Então, você imagina, dois jogos assim, para chegar no jogo contra o Zaire, que, você sabe, é um adversário bem mais fraco, mas que tem que fazer três gols, e quase que não faz, não é?

F.H. – Nesse jogo contra a Escócia, entra o Mirandinha no time. Quando entra o Mirandinha muda o seu jeito de jogar?

J.C. – Claro, muda. Porque ele é um jogador que vai ficar mais na frente. Eu nunca gostei de jogar de costas. Porque eu não era um jogador forte, não era um jogador de usar o corpo, e normalmente esses jogadores são. São jogadores de virada rápida, de abrir a asa, como a gente fala. Eu era um jogador mais de trás, eu vinha mais para preparar a jogada. Então, por exemplo, quando eu jogava na Portuguesa, eu jogava mais atrás. O meu pai dizia para mim assim: “Se você quiser ver o seu nome no jornal, você tem que fazer gols, você tem que chutar para o gol, você tem que jogar mais para frente. Você não pode ficar atrás”. E eu comecei, por causa do meu pai, eu me lembro desse lance. E é verdade, o famoso é o artilheiro, não é o cara que toca a bola para ele. Na Portuguesa meu pai me dizia isso. Aí eu comecei a ir mais para frente, comecei a fazer gols. Comecei a jogar mais na frente. Quando eu fui para o Palmeiras, já era um atacante de chegar toda hora lá. Mas depende da forma como o treinador quer que você jogue. Por exemplo, no Palmeiras eu era meia-direita e o César Maluco era o centroavante. O César Maluco foi suspenso por um ano, aí o Brandão não tinha outro centroavante, aí ele pegou e me colocou de centroavante, e colocou o Madurga, um argentino que era o meu reserva, mas era um grande jogador, e então eu joguei mais na frente. Mas, o que acontece, o Palmeiras girava de uma forma diferente. Nós fomos campeões brasileiros, eu não fui artilheiro por um gol. Eu fiz 20 gols no Campeonato Brasileiro, aí jogando de centroavante, jogando mais na frente. Mas o time girava, eu não ficava ali parado na frente, eu voltava também. Entendeu? Quer dizer, depende da forma com que você joga. Não adianta chegar e me colocar lá na frente, ou botar o César, que é forte para caramba, para jogar na minha posição, para ele fazer a jogada, para ele dar o passe. Cada um tem a sua característica.

F.H. – Eu acho que é a diferença entre um time que funcionava, como esse do

Palmeiras, e um outro como a Seleção...

J.C. – Claro. É difícil, é muito difícil...

F.H. – E no jogo contra o Zaire, você se machuca. Estava 0 a 0 ainda?

J.C. – É, me machuquei logo no começo. Estava 0 a 0.

F.H. – O lance como foi? Detalhadamente.

J.C. – O goleiro saiu como um louco, mostrou inexperiência total, se jogou quando eu acabei de entrar na área grande. Quer dizer, uma loucura o goleiro. Naquela altura se jogou, caiu em cima do meu tornozelo e foi uma torção muito forte. E aí tinha pouco tempo para a recuperação, naquela época ainda, você imagina. Engessaram, aí não teve jeito.

F.H. – Quem era a equipe médica da Seleção nessa época?

J.C. – Doutor Lídio Toledo, falecido. Parreira, preparador físico, Admildo Chirol, falecido também, Coutinho, falecido também. E o Zagallo, o técnico. E o Mário Américo o massagista que me botou aquilo [risos].

F.H. – Você chegou a tentar fazer alguma coisa? Engessou e pronto.

J.C. – Não dava. Diz que foi um torce violento. Eu, no tornozelo nunca tive nada, só tive esse torce. Mas diz que foi um torce forte, engessou e... Talvez hoje, sei lá, com a evolução da medicina, sei lá.

F.H. – E essa acabou sendo a sua última partida.

J.C. – Foi a última partida. Eu joguei 27 vezes na Seleção. As vezes que eu entrei, também, no início era reserva. Fiz 7 gols. Alguns amistosos em que eu joguei... E foi isso daí.

F.H. – E assistir a Copa depois disso, só da arquibancada mesmo?

J.C. – Não. Aí eu queria voltar para o Brasil, mas falaram que eu teria que ficar, aí eu fiquei até o final.

F.H. – E como você viu a Seleção aí? Agora sem você, os jogos que vieram Alemanha, Holanda.

J.C. – Olha, sei lá... Tinha um time relativamente... Talvez a defesa do Brasil, tenha sido melhor do que a da década de 1970. O ataque não. No ataque só tinha fera. Agora, nós tivemos a infelicidade do Clodoaldo, que era um grande jogador, se machucou na preparação, tudo isso. Sabe? Mas não achei... O problema era isso, o ambiente é que não estava legal, eu acho que faltou isso daí. Agora, realmente, seria difícil ganhar da Alemanha, da Holanda ainda poderia, mesmo com aquele time que tinha. Agora da Alemanha era complicado. A Alemanha é um time que mesmo quando não está tão bem, é um time super competitivo. E quando joga em casa ainda, meu amigo, não é fácil não.

F.H. – E nesse jogo contra a Holanda, que foi esse futebol que você falou, revolucionário... Vocês ali assistindo, você da arquibancada, conseguiam visualizar isso? Já era diferente, causava esse impacto?

J.C. – Era, mas com a gente eles entraram muito preocupados. Eu lembro que eu fui engessado, com agasalho, nesse jogo. Aí vinham aqueles torcedores alemães, tudo garotada, os caras grandes, louros, grandes para caramba, tudo mamadinho, e vinham para cima de mim... Eu mostrava o gesso, sei lá a intenção deles... Mas tudo bem. Mas eles ficaram meio... Para eu chegar até o estádio lá foi complicado, porque os caras estavam realmente alterados. Mas, o que eu vi foi isso. A gente acompanhava muito a Seleção da Holanda, e para a gente foi uma surpresa até agradável... Porque futebol não tem tanto segredo, como muita gente diz, e eles mudaram tudo. Porque tinham bons jogadores que davam para fazer isso. Porque, as vezes você quer mudar os conceitos no seu time, mas você não tem peças o suficiente para fazer aquilo que você quer, estou dizendo o treinador, muitas vezes. Não adianta ele falar: “Eu quero fazer isso, a minha tática é essa”. “Não, você não tem jogadores para usar”. Isso daí não tem jeito, então você tem que jogar de acordo com o que você tem de material humano, e eles tinham grandes jogadores. E foi revolucionário pela forma como

eles pegavam, saia todo mundo e tal, você não sabia... Imagina para o atacante, toda hora o cara ficava impedido. Quer dizer, foi revolucionário, até hoje eu não vi uma mudança tão grande assim, na disposição tática de uma equipe. Só que contra o Brasil, eles estavam... Meu amigo, era uma preocupação. Da mesma forma que a gente hoje vê, no Campeonato Brasileiro, você vê, por exemplo, o Corinthians contra o Ceará, antigamente na minha época, a gente ia jogar Palmeiras contra Ceará, o cara só faltava pedir autografo para a gente antes de começar o jogo. Hoje os caras não respeitam não, partem para cima, e não querem saber. Eles encaram tudo de uma forma igual e é como tem que ser. Ninguém é melhor do que ninguém, vamos ver lá dentro, então antigamente existia um respeito, é o que eu vi a Holanda, com aquele time bom, com aquela forma revolucionária, encarando o Brasil com medo, com receio, com medo do Brasil. Quer dizer, se a gente dá sorte... Nós perdemos dois gols ali, tivemos duas oportunidades, que se saem os gols, dificilmente o Brasil iria perder essa partida. Mas, a coisa continuou, não saiu, e eles foram crescendo, como se diz foram gostando do jogo, aí depois não teve mais jeito, eles se superaram e suplantaram a gente, mas foi isso aí.

F.H. – Depois teve até uma disputa de terceiro lugar...

J.C. – É, aí é triste, para o Brasil. Eu, tem uma particularidade nesse jogo, que eu achei um outro absurdo, o maior de todos. Porque eu estava junto com o Ademir da Guia, no quarto. E o Ademir já era uma carta fora do baralho, como era o César... Tinha alguns jogadores que nem no banco ficavam, então se a gente diz que é uma carta fora do baralho, é evidente que muitos deles já não levam a concentração muito a sério, como não leva? Se eu vou comer um bife, eu vou comer três. Porque eu já estou fora mesmo, e eu tenho uma fome danada. Muitos pensam assim. Penso assim. Muitos pensam assim. Aí, o que acontece? O Ademir é um cara que é fininho – até hoje ele é magrinho e tudo isso –, mas ele sempre foi de comer bem para caramba. Ele está sentado do meu lado... Isto em Munique. No almoço, antes do jogo. Ele está sentado do meu lado e já está, acho que, na segunda ou terceira sobremesa. E aí, passa o Zagallo. O Zagallo olhou para ele e falou: “Olha, vê se não come muito, não, que você vai jogar daqui a pouco”. Ele ficou vermelho... O Ademir é de uma tranquilidade maior do que você possa imaginar. Nunca se alterou com nada. Mas eu comecei a dar risada. Eu olhei para ele e comecei a dar risada. Vi ele vermelho para caramba.



Nunca o tinha visto assim. Ruborizado. E, aí, eu comecei a rir. Aí, eu pensei e falei: “Como é que pode o treinador de futebol... Ele avisa o cara depois que ele está na terceira sobremesa – quer dizer, o cara que, até então, nem no banco ele ficava – que vai jogar logo mais para disputar a terceira colocação do campeonato mundial”. Quer dizer, que preparação! Ainda bem que era o Ademir. Porque o Ademir era... Chegou lá e jogou muito bem, ainda. Não sei nem por quê foi substituído. Porque ele é tranquilo, é sossegado. E se fosse um garotinho, um menino que ia ter a primeira oportunidade na seleção? Seria uma preparação psicológica adequada, o que ele fez? Achei um absurdo isto daí. Entendeu? E isso aí. O Ademir foi e ainda bem que jogou muito bem, só que não adiantou nada, porque perdeu de um a zero.

F.H. – E depois deste jogo, até toda a confusão que você falou: Rio-São Paulo, elenco dividido... Eu acho que essas coisas... Isso se concretiza, não é? Porque teve uma confusão do Leão, depois, brigar com o Marinho. Você lembra disto?

J.C. – Lembro perfeitamente. Eu também estava assistindo isto daí. Na verdade, é o seguinte: aí, o errado é o Marinho. Marinho Chagas. Porque o Marinho, primeiro, ele estava ali... Quer dizer, faltou, também, o treinador nesta parada. O treinador tem que ver isto daí. Porque a função do Marinho, primeiro, é defender. Aí, depois, dependendo das possibilidades, se você quer atacar, desde que haja uma cobertura, tudo isso e tal... Mas ele é jogador de defesa. Aí, o que fazia o Marinho? Como ele era um jogador muito habilidoso, ele ia para a frente e largava a bronca toda em cima da defesa. Aí, chegava lá, depois do jogo, e saía assim: Marinho foi o único que chutou cinco vezes no gol, foi o que não sei o quê... Saía na imprensa. Eu estou vendo isto. Eu falo: “Está vendo? Como é que dá para...”. Quer dizer, primeiro, não: primeiro, ele tem que defender. Então, ele estava errado naquele lance. Chegou uma hora que os caras quiseram apelar com ele e quase chegaram às vias de fato, mas não chegaram a ... Mas teve bate-boca e tal, do Leão, Luis Pereira – e com razão –, dos jogadores de defesa com o Marinho Chagas. Aí, faltou o quê? Faltou o treinador chegar lá e... Porque o treinador é que tinha que chegar para ele e falar assim: “Primeiro, você defende”. Não foi a primeira vez em que aconteceu isto. Agora, ele era considerado o melhor jogador. Quer dizer... Então, aí é complicado. Porque, é claro, o cara abandona a defesa e vai para a frente – e ele chutava bem e tudo isso... Então, meu amigo: você pode ir, desde que



exista uma cobertura que vá ali. Senão, complica. No contra-ataque, como é que faz? Sobrecarrega o trabalho da defesa. Então, ali, o meu amigo Marinho Chagas estava errado.

F.H. – E aí acaba, o Brasil volta com esse quarto lugar. Como que é a volta nesse momento? Voltar para o Palmeiras, se readaptar ao futebol de clube... É tranquilo?

J.C. – Aí, é sossegado. No meu caso, por exemplo, claro que decepcionado, porque eu esperava uma coisa, era a primeira oportunidade, não fui feliz e tudo isso, mas a vida tem que continuar. A vida continua. Aí, voltei para o Palmeiras. O Palmeiras já não tinha aquela mesma regularidade de antes, mas o time ainda era bom. Aí, nós continuamos a disputar esse Troféu Carranza, porque a gente já havia ganhado uma vez. Quer dizer, eu, uma vez. O Luís Pereira, o Palmeiras, duas anteriores. Eu não estava em 1969. Eles ganharam, também, mas eu cheguei depois. E aí, nós fomos disputar outra vez o Carranza e tal e conseguimos ganhar. E, no avião de volta, é que eu e o Luís Pereira fomos contratados para o Atlético de Madrid. Foi até curioso, porque, na viagem de volta, estava o Ivo. O Ivo é aquele treinador – jogou de volante, também – jogou no Flu, depois jogou no Palmeiras... Ele e o Sena eram meia direita e tinham sido contratados como os estrangeiros do Atlético de Madrid. E eles estavam no vôo nosso, junto com a delegação do Palmeiras, retornando da Espanha para cá. E eu até conversei com o Ivo e disse: “E aí? Está tudo bem? Como é que está no Atlético?”. Ele falou: “Não, está tudo bem. Vim para pegar as coisas” e não sei o quê. “Tá bom”. Neste avião, também, nesta viagem, estava o vice-presidente do Atlético. Aí, me chamou o presidente do Palmeiras e me disse assim: “Olha, vocês querem ir” – eu e o Luís Pereira – “para o Atlético de Madrid?”. Eu falei... O vice-presidente está aqui e tal... Eu falei: “Mas como, se tem estrangeiro? Nós somos estrangeiros e tem dois estrangeiros”. Ele falou: “Não, o Ivo, ele está com um problema cardíaco e ele não vai ficar com a gente. E o outro, o Sena, nós vamos emprestar para um outro time”. Eu tinha acabado de falar com o Ivo. E o Ivo todo feliz. Eu falei: “Bom, tudo bem. Depende das condições. Se o Palmeiras... O Palmeiras está interessado no lance, vamos”. Eu sempre pensei em ir jogar na Espanha. Mas não é como hoje. Hoje, com 17, 18 anos, você já vai embora. Antigamente, não. Eu queria, primeiro, estar bem lá no Brasil para, depois, pensar... Era diferente, a coisa.



Então, naquele momento, eu não pensava assim. Ele me pegou de surpresa. Aí, eu voltei lá, chamei o... Sentei outra vez com o Ivo e expliquei para ele. Falei: “Olha, é bom você se preparar...”.

F.H. – Tudo isto no avião? [risos]

J.C. – Tudo isto no avião. “É bom você se preparar, porque eles estão querendo contratar eu e o Luís Pereira. ‘Tá bom? Só estou te avisando”. Você vê como é que são as coisas. E, assim, a gente chegou aqui. Dali, no outro dia, voltamos para a Espanha e, dois dias depois, voltamos para o Brasil. Já contratados. Quer dizer, foram três viagens em menos de uma semana. E, assim, a gente foi para o Atlético de Madrid.

F.H. – E nesse momento... Aquele momento seu, da saída da Portuguesa para o Palmeiras, foi o que você já queria. Era uma saída que você esperava. Esta daí foi meio de surpresa, parece.

J.C. – Esta eu não esperava. Porque até cair a ficha... Porque eu queria ir para lá, mas a verdade é que a Espanha... Na época, a Itália estava fechada para o mercado. A Espanha dificilmente contratava jogador brasileiro, porque achavam que o jogador brasileiro era um jogador muito técnico. E lá, como o futebol era mais corrido e tudo isso, eles preferiam um argentino, um paraguaio, que eram jogadores mais fortes, mais de pegada e tudo isso. Então, tinha poucos, lá. Inclusive, os brasileiros teriam que entrar como estrangeiros. Teriam que ocupar praças estrangeiras e só podiam duas. E os outros, não. Os outros entravam como espanhóis. Só brasileiro que não podia, dentro da América do Sul, pelo idioma português. Então, os outros eram hispano, então poderiam entrar. Então, era difícil. Então, por isso que eu falava: “Acho que vai demorar um pouco para eu ir”. Mas como aquilo aconteceu... Aconteceu e a gente, dali a uma semana, já estava na Espanha. Eu e o Luís Pereira.

F.H. – E você vai sozinho para lá? Você já tem família neste momento?

J.C. – Eu vou, mas a minha mulher, grávida...

F.H. – Ah, a sua mulher estava grávida.



J.C. – É. Então, eu fui sozinho. Eu só conheci o meu filho depois de 60 dias. Na minha estréia no Atlético de Madrid – Salamanca e Madrid, eu fiz três gols –, foi o dia em que nasceu o meu filho. No Brasil. Aí, depois, demorou um tempo para ele ir.

F.H. – Mas aí, depois, sua esposa muda para lá com ele?

J.C. – Claro. Muda. [inaudível] A turma toda.

F.H. – [inaudível] em Madri.

J.C. – Em Madri. Aí, fiquei quatro anos. Mas, aí, me adaptei fácil, porque eu já tinha uma ideia mais ou menos do idioma, pelo meu avô, que morava aqui no Brasil e veio no pós-guerra. Até então, ele só falava em espanhol. Já é falecido. Mas só falava em espanhol. Então, eu tinha muito contato com ele e... Foi legal. A adaptação foi tranquila. Foi fácil. Eu sabia que, lá, eu teria que modificar um pouco a minha maneira de jogar. Tinha que ser mais correria. Porque, embora a gente não acompanhasse o Campeonato Espanhol, por exemplo, algumas vezes a gente ia para a Espanha para jogar, então a gente sabia como era. O futebol era mais corrido, tudo isso, então... mas eu gostava desse... É que, no Palmeiras, pelas circunstâncias, eu era obrigado a ser um pouco mais lento. Pelo futebol que se jogava em função do Ademir da Guia e tudo isso. Era um jogador mais técnico. Então, a gente... Mas eu gostava de jogar um pouco mais forte, com mais correria.

F.H. – E a principal diferença, mesmo, que você sentiu do futebol brasileiro para o futebol espanhol foi essa?

J.C. – A técnica. Lá, tinha jogadores mais fortes, com mais pegada. O futebol não era tão... Era mais lento, aqui no Brasil. Por causa da técnica.

F.H. – E como é lá? Você vai disputar os campeonatos, vai entrar logo na equipe, vai ganhar seu espaço...

J.C. – Chegamos já, também, rapidinho. Chegamos e já fomos jogar. Agora,



tivemos dificuldades, porque quando a gente ia jogar no norte da Espanha, por causa da neve, a gente não podia ir de avião, tinha que ir de trem. Então, a gente ficava em um vagão, saía às 21h de... E chegava no outro dia, de manhã. E, quando não estava chovendo, as equipes pequenas molhavam o campo todinho, deixavam aquele lamaçal. Então, o primeiro jogo que nós fizemos disso daí, nós fomos jogar em Gijón, em uma cidade... E terminou o primeiro tempo, mas estava aquele frio, caía aquele gelo, aquela neve – granizo – e eu não aguentava. Aquele campo molhado... E eu, duro. Os caras me levaram para o vestiário e eu falava para o Luisão: “Luisão, eu não vou aguentar. O que é que eu vim fazer aqui?”. [risos] Eu não estava acostumado. Os caras me deram um conhaque. Você acredita que eu nunca tinha tomado um conhaque na minha vida? Eles me deram um conhaque no intervalo do jogo, para poder esquentar bem. Olha, eu vou te contar uma coisa... Aí, a coisa esquentou, mesmo! [risos] Aí, voltei... Foi até curiosa, engraçado. Nossa. Mas era uma... Se você conseguisse um empate fora de casa, era uma vitória. Mas essa do conhaque foi uma coisa impressionante. E o curioso é que, quando a gente... a gente treinava em Madri no sábado e o jogo era no domingo, em Madri. Então, no sábado, você treinava, pegava o ônibus e ia 50km, em um lugar perto de serra chamado São Lourenço do Escorial. Inclusive, é um ponto turístico, ali perto de Madri. E, ali, nevava e tal. Você ficava ali, concentrado. Olha, eu sei que a gente, por exemplo... Quando chegamos na primeira concentração, os jogadores falaram para a gente: “Vem cá, vocês bebem vinho?”. Falei: “Não. Não tenho o costume de beber vinho. Nem eu, nem o Luís Pereira”. Falou: “Então, senta aqui, com a gente”. Por quê? Porque sentam quatro e tal... Quatro cadeira, ali na mesa. Então, eles trazem uma garrafa de vinho para os quatro. Normal. Você, concentrado. A gente não está acostumado com isso no Brasil. Na concentração. Mas, lá, é normal. E aí, a gente... Claro que eles... Como a gente não bebia, sobrava mais para eles. Por isso que eles queriam. “Senta aqui com a gente”, porque a gente não bebia. Aí, nós fomos vendo eles tomando... Olha, dali a um mês, nós estávamos buscando os jogadores que não bebiam, porque era tão bom, o vinho! [risos] É verdade. Dali a um mês, nós estávamos falando: “Vem cá, vocês não bebem, não? Senta aqui com a gente, porque...”. Então, é um costume diferente. Isso daí era no sábado. O jogo, no domingo. No domingo, na hora do almoço, aí já não era uma garrafa, era um cálice de vinho, só. Mas era uma coisa normal. Pelo clima e tudo isso, um vinho bom... Quando que a gente fazia isso no Brasil? [risos] Isso não



existia. Enfim, a gente foi, aos poucos, se adaptando e, logo depois, já estava tudo entrosado. E foi maravilhoso. Foi muito bom. Olha, eu adoro a Espanha. Hoje, eu tenho um passaporte espanhol. Não só porque morei lá, também, mas por causa do meu avô, também, tudo isso. E foi uma coisa incrível. Agora, o mais incrível foi quando o meu avô falou assim: “Quando é que você vai lá na minha terra?”. Porque o meu avô não tinha mais contato com o pessoal. Aí, eu falei: “Olha, quando eu tiver a oportunidade, eu vou lá, vou conhecer”. Aí, calhou de... Um dia, comprei uma casa em Marbella, ali no sul da Espanha, perto de Málaga, de onde ele era...

F.H. – Ele era de Málaga?

J.C. – É. De um pueblo. De um povo de Málaga. Uma cidadezinha. Então, chegamos em Málaga, subimos um morro, lá em cima, na montanha, vimos, lá... Aí, parei, tirei fotografia, tudo para levar para o meu avô, direitinho. Aí, eu cheguei... Fui junto com a minha mulher, fomos de táxi. Chegamos em uma cidadezinha pequenininha, de 5 mil habitantes, em pleno domingo. Um calor! Uma loucura! Falei: “E agora? Vamos ver”. Aí, cheguei em um barzinho, com todos aqueles espanhóis com aquelas boinas. Senhores mais velhos. E, na cidadezinha, só moram crianças e velhos, porque os jovens vão trabalhar em uma cidade grande. Vão estudar. Aí, eles ficaram me olhando, claro, sabendo que eu sou estrangeiro. E eu olhava para eles... Aí, cheguei para o dono do bar, ali, e falei: “Me diga uma coisa: o senhor conhece algum Leiva, aqui?”. Falou: “Leiva? Esse é Leiva, esse é Leiva, esse é Leiva...”. Tinha uns dez só no bar. [risos] Falei: “Meu Deus! Que loucura!”. Quer dizer, Leiva é que nem Silva ou Souza aqui no Brasil. Bom, conclusão da coisa: aí, ficaram sabendo que eu era o Leivinha, era jogador e não sei o quê... Eles abriram o cartório. Veio aquele monte de Leiva tirar fotografia comigo. [risos] Eu achei uma coisa graciosa. “Meu avô vai ficar contente”. E aí, me levaram em uma senhora que tinha mais de 100 anos. Nesses pueblos, vive um pessoal bem mais velho. E ela me contou que a pós-guerra, quando veio embora... Sabia a história todinha. Foi legal. Aí, quando cheguei para o meu avô, falei: “Olha...”. Contei para ele como é que foi, falei: “Inclusive, fui lá ver se tinha alguns terrenos, lá, que eu podia... Só tinha dívida, eu tive que sair correndo, vô”. Então, acabou. Essa é a história do Leiva, lá, do Afonso Leiva, o avô. Foi muito bom.



F.H. – E o time do Atlético era um time forte, disputado. Era um time grande, brigava por títulos...

J.C. – Olha, o time do Atlético... Nós chegamos na quarta rodada. Ele ficou em quarto lugar. E, depois, no outro ano, fomos campeões, em cima do Real Madrid, do Barcelona... Era um time que tinha eu e o Luís Pereira, brasileiros, Ayala, Heredia, Rubén Díaz... Tinha quatro argentinos e mais um paraguaio. Sete e sete... Só tinha quatro espanhóis. Os titulares: quatro argentinos, dois brasileiros, um paraguaio e quatro espanhóis.

F.H. – E o treinador, quem era?

J.C. – Luis Aragonés. Esse Luis Aragonés, que foi treinador da seleção espanhola por muito tempo, ele era o camisa oito do Atlético de Madrid. Ele parou de jogar... Me contrataram para ser o camisa oito e ele foi ser o treinador. Então, ele foi treinador...

F.H. – Jovem, ainda, não é?

J.C. – Era. Era jovem. Mas foi uma equipe... Uma equipe de que eles, mesmo que não ganhassem, gostavam, porque eles diziam que era o time sul-americano, que sabia tocar a bola, tudo isso... Então foi... Fizemos umas campanhas boas, lá. Inclusive com o título, que foi a melhor. Foi no outro ano.

F.H. – Vocês ganharam a liga? Vocês venceram a liga , o nacional...

J.C. – Isso. A liga.

F.H. – Vocês ganharam uma Copa do Rei , também?

J.C. – Também. Uma Copa do Rei.

F.H. – E como é que era a rivalidade, o clássico? Você jogava, aqui, no Palmeiras: tinha o Palmeiras e Corinthians. Como era o Atlético e Real, lá?

J.C. – Olha, na verdade, a maior rivalidade é Real Madrid e Barcelona. Porque,

aí, é um problema, já, político. Não é como aqui. A rivalidade nossa, aqui, é diferente. Agora, existe uma rivalidade. O Atlético com o Real Madrid. Porque, na verdade, o Real Madrid é o grande time, e o Atlético quer ser grande como o Real. Então existe. Mais por parte do Atlético do que por parte do Real. Mas a bronca, mesmo, do Real Madrid, é com o Barcelona. Isto sempre foi. Agora, o Atlético é um time simpático. É um time que tem uma torcida fabulosa. Eles falam dos colchoneros. Muito popular: colchoneros é aquele... O colchão, não é? Vermelho e branco, as raias do colchão. Por isso que se chama colchonero, o torcedor. Quer dizer, é um time mais popular. O Real Madrid é mais de elite. Então, o time mais popular é o Atlético. Agora, na época, o Atlético era o terceiro time da Espanha. Hoje, já, não. Hoje, caiu muito, o Atlético. Caiu para a segunda divisão e, agora, está tentando se recuperar e tal. Mas é um time muito simpático. Simpático, mesmo.

F.H. – E a torcida gostava de você? Tinha um carinho...

J.C. – Ah, muito! Nossa! Porque, às vezes, um se adapta e o outro, não. Então, a preocupação era: será que os dois vão se adaptar? Nossa! Eu fui legal e o Luís, então... O Luís é considerado, até hoje, o melhor zagueiro que apareceu na Espanha, o Luís Pereira. De vez em quando, eu vou para a Espanha e eles me falam isso. E o Luís está lá. Ele está nas equipes de base do Atlético. Ele é o diretor das equipes de base. Já faz mais de oito anos que o Luís está lá. O Luís Pereira. Então, ele é muito querido, lá, também. Mas eles... Foi muito legal. Foi muito bom. A gente ser lembrado... Até hoje, a gente é convidado para muita festa do... Quando fez cem anos do Atlético, o Atlético convidou eu... Na época, o Luís estava aqui.

F.H. – Aí, você foram.

J.C. – E nós fomos. Não só nós: foram outros ex-jogadores. O Alemão, o Baltazar, que era Artilheiro de Deus...

F.H. – O Baltazar jogou lá?

J.C. – Isso. Então...

F.H. – Passou bastante brasileiros lá...

J.C. – Foram chamados todos. Então, existe uma preservação da memória muito diferente da que existe aqui no Brasil. Isso aí não tem dúvida. Então, é muito legal, esse lance.

F.H. – E como é que é sair, depois, da Espanha? Por quais motivos?

J.C. – Na época, eu fiz um contrato por três anos. Depois, eu já ganhava o passe. A única forma de um jogador de nível lá em cima poder sair era fazer um contrato desses. Terminaram os três anos, aí, eles me ofereceram... Eu já queria sair. Porque eu não poderia ir para um Real Madrid, para um Barcelona... Para a Itália, estava fechado. Não podia ir para um outro time, só pode jogar na época ali no Atlético. Então, eu falava: “Não, eu quero negociar o meu passe. Eu quero vender o meu passe”. Tão difícil de conseguir. Mas, aí, eles me ofereceram um dinheiro muito bom e eu aluguei o passe para eles, mais um ano, só. E o Luís resolveu ficar mais três anos.

F.H. – Renovou.

J.C. – Quer dizer, alugou, também, o passe. Aí, o passe já era nosso. Aí, eu falei: “eu vou ficar mais um ano e, depois, eu vou dar um jeito de sair”. E foi assim que aconteceu. Terminou esse ano, nós fomos jogar várias partidas amistosas na América Central e fomos nos Estados Unidos, jogar contra o Cosmos. Aí, jogamos contra o Cosmos, ganhamos o jogo, eu tive sorte, fui bem, fiz gol... E, na época, o Carlos Alberto estava jogando lá, o Júlio Mazzei, que era o manager. Aí, nós fomos jantar, depois, com os adversários, lá no World Trade Center. Olha! Imagina...

F.H. – Nascido em 11 de setembro...[Risos]

J.C. – 1979. Aí, nós fomos lá, jantar com eles. Aí, eu acertei com o Júlio Mazzei de ir para o Cosmos. Eles iam adquirir o meu passe. Foi ótimo. Só que começava só em abril. Isso daí foi em Julho, quando terminou o Campeonato Espanhol, que nós fizemos os amistosos. Aí, eu teria que ficar seis meses



parado, para, depois, is para o Cosmos. Aí que eu aluguei... Vim aqui, para o São Paulo, por quatro meses: de setembro a dezembro. No São Paulo, falei: “Vou ficar quatro meses, para não ficar inativo, sem jogar, e depois eu vou para os Estados Unidos, para o Cosmos, fico mais uns dois, três anos e termino a minha carreira”. Eu tinha 29 anos. E, aí, vim para o São Paulo. No segundo jogo, me machuquei novamente e nunca mais joguei. Quer dizer, o tanto que eu lutei para ficar com o passe não adiantou nada. Aí, o São Paulo ainda quis... O São Paulo foi legal. Muito leal comigo. Queria que eu ficasse por mais tempo. Mas eu, não. Eu disse para eles: “Olha, eu vou tentar me recuperar. Eu vou lá para os Estados Unidos”. Mas, infelizmente, fui obrigado a parar de jogar. E o ruim é que não é o fato profissional, é o fato de ter que parar com toda a atividade esportiva. Isso é o que foi ruim. Meu problema se tornou muito grave. Doze cirurgias no joelho. E, hoje em dia, eu tenho dificuldades, inclusive, para andar e tudo isso, imagine praticar esporte. Quer dizer, já não dá mais.

F.H. – Isso com 29 anos, você teve uma lesão gravíssima?

J.C. – É. Infelizmente, foi um erro médico, mas aquilo se complicou, aí eu tentei me recuperar, mas não foi possível, então... Mas não me arrependo, porque... Afinal, comecei com 15 anos e pelo menos 14 anos eu joguei profissionalmente.

F.H. – E sua lesão foi no jogo... Aqui, já, no São Paulo? Como é que...

J.C. – Não. A minha lesão... Eu já tinha me recuperado. A primeira vez, aconteceu lá na Espanha. Mas há muito tempo. Aí, eu vim, fui fazer uma cirurgia aqui no Brasil... Mas, aí, estava recuperado. Quando eu vim para o São Paulo, eu estava jogando. Fazia um ano que eu estava jogando. Mas, aí, machuquei outra vez o joelho, e, aí, fui fazer uma recuperação com um médico e tive... No tratamento deste meu problema, com uma infiltração, eu peguei uma infecção hospitalar.

F.H. – Aqui no Brasil?

J.C. – Isso. Aqui no Brasil. E isso foi o que, realmente, foi o início do fim. Aí, com essa... Tive quase que amputar a perna, tudo isso, mas consegui me recuperar, fui para outro médico, demorou um tempo... Mas voltar, assim, para a prática...

Aí, não teve jeito. A prática do esporte... Aí, foi que eu resolvi parar.

F.H. – Só um minutinho para... Já está acabando.

(FINAL DO ARQUIVO II)

(INÍCIO DO ARQUIVO III)

Clarissa Batalha – [inaudível] Vá em frente.

Fernando Herculiani – Você falou para a gente... A sua decisão de parar foi do diagnóstico médico, não tinha... porque esse momento, da decisão de parar... Para o senhor, não acabou sendo uma decisão, mas o momento em que o jogador para é muito delicado. No seu caso: imaginar alguém que está jogando o profissional desde os 16 anos. Aí, chega aos 29, a sua profissão acabou.

João Leiva Campos – É difícil. É muito difícil. Eu sempre falei assim: “Olha, eu vou parar cedo, porque eu comecei muito cedo. Quer dizer, eu vou ficar nos Estados Unidos, até uns três anos... E vou por uma questão, também, que seria interessante para mim, viver nos Estados Unidos, tudo isso, inclusive, pensando no futuro. Agora, eu sei que, depois, eu vou parar, mesmo. Mesmo se tiver legal, vou parar. Até porque já cansei dos bastidores do futebol. Vou fazer outras coisas”. Você imagina que você sabe fazer tantas coisas. Mas a realidade não é essa, não. Você sente muita dificuldade. Você deixa de jogar. É complicado. O pior, para mim, foi isto: não poder levar uma vida normal, brincar, jogar com os amigos, voltar a jogar meu basquetinho, meu voleizinho, brincar, meu voleizinho de areia, tudo isso e tal. Não fiquei com saudades, sinceramente, do futebol profissional, não. Mas fiquei triste de não poder brincar com os amigos. Eu, que sempre fui um bom esportista, tudo isso, então... Mas por uma questão de saúde, também. É importante você ter uma atividade, uma... Sei lá. Correr, caminhar, uma academia... E, hoje, eu procuro, mas é muito difícil para mim,



pelo meu problema físico. Isto aí é que foi triste.

F.H. – O que é que você vai fazer depois, já? Depois que você para, então, no que você vai trabalhar? Você já tinha se preparado para isso financeiramente, para, depois, parar?

J.C. – Não. Eu sabia que tinha que continuar. Porque, embora eu sempre estive em equipes grandes, quer dizer, ganhava bem... Sem fazer comparação: hoje é diferente. Hoje, se ganha muito mais. Mas eu, é claro, na época, ganhava bem, legal. Agora, claro, com família grande e tudo isso, a coisa precisava... Eu tinha que continuar. Tentei fazer várias coisas. Comprei fazenda, tive casa noturna, tive confecção, mas não é a mesma coisa. Você, no fundo, no fundo, sempre esteve ligado no futebol, desde pequenininho. O que você sabe é isto: coisas ligadas ao futebol. Então, eu tive escolinha, também. Eu, a pouco tempo, prestava serviços ao Palmeiras, mas na parte social do clube, de sócios remidos, sócios vitalícios. Mas, hoje, já não estou mais. Eu sou aposentado, tudo isso... Quer dizer, levo uma vida normal, mas, claro... Participo de eventos. O master do Palmeiras... O Palmeiras teve um master. Eu sou um dos ex-atletas que arrumam os jogos, que vão aos jogos do master, mais pelo interior paulista... Então, é isso aí. A gente... Participo de eventos da comunidade palmeirense por todo esse Brasil. Ainda se lembram da gente. É gostoso. Satisfaz o ego, porque a gente, que ficou tanto tempo longe do futebol... E a gente tem contato com torcedores, tudo isso... E é gostoso. Normalmente, aquele pessoal mais da minha época – que a gente sempre participa – e, às vezes, alguns mais novos. Enfim, no fundo, no fundo, você tem que entrar em alguma coisa dentro do futebol, que é o que você sabe fazer depois de tanto tempo.

F.H. – Você não pensou em ser treinador, Leivinha?

J.C. – Ah, isso não! Embora eu tenha recebido muitos convites, quando eu parei, como eu disse, eu já estava cansado, um pouco, dos bastidores do futebol, em sempre achei que... Eu falei: “Não. Treinador, não”. Eu não sei se o problema, até, seria o tratamento e a dificuldade, nem tanto com o jogador de futebol, mas muito mais com o dirigente. Porque... Eu não sei. Existem bons dirigentes, claro, como bons jogadores e maus jogadores, em tudo quanto é lugar, mas a



verdade é que o dirigente... Normalmente, eu digo assim: o dirigente é aquele cara que tem muito sucesso na sua vida de executivo, na sua empresa, ele consegue sucesso, consegue dinheiro, só que ele não consegue ver o nome dele no jornal. E o jogador já é o contrário. O jogador muitas vezes não tem o dinheiro, não tem isso daí, mas, toda hora, está o nome dele no jornal porque ele se destaca esportivamente. Então, o dirigente... Falta isso para ele. Então, muitas vezes, uns se metem a ser diretor, ou técnico, ou presidente de um clube... Mas o que é que é? Ele não é do ramo. Você entendeu? Ele quer ver o nome dele no jornal. Agora, quer escalar o time. Então, para que treinador? Então, eu acho que eu não daria certo como treinador. Eu não iria parar muito tempo em um time, não. Aí, um dia, o Luxemburgo, quando ele estava no Palmeiras, já há muito tempo, ele falou: “Por que é que você não leva... Você tem jeito para ser treinador de futebol”. Eu até brinquei com ele: “Sabe o que acontece? É porque, para ser treinador de futebol, tem que ter jogo de cintura. E, como dá para perceber, eu já não tenho mais. Não tenho mais nem cintura, como é que...”. [risos] Ele falou: “Não, rapaz, você aprende, no futebol, a ter esse jogo de cintura. É só a convivência e tudo bem”. E, hoje, ele é um cara de muito sucesso, o Luxemburgo. Mas acho que, para mim, seria difícil. Seria difícil ser treinador.

F.H. – E, Leivinha, como é que você vê o futebol, assim... com você. Qual é a sua relação com o futebol, hoje? Que você tem. Você assiste, você acompanha, torce...

J.C. – Eu assisto tudo que é futebol. Ainda bem que, na minha casa, tem muita televisão, porque a minha mulher e minha filha não são ligadas em futebol. [risos] Agora, eu sou. Eu assisto tudo. Agora, não vou a campo de futebol.

J.C. – Não, não vou a campo de futebol. Não dá. É complicado. Eu acho que... Eu digo assim: “Ser pobre e torcedor: como sofre”. Eu acho que não dá. Não dá para ir a campo de futebol. Não tem o conforto necessário. É uma dificuldade para tudo. Então, claro que eu... Eu sou um cara que fica ali, em casa, sossegadinho, vendo tudo que eu posso ver de futebol.

F.H. – Torce para o Palmeiras, Fluminense...

J.C. – Claro. Fiquei contente que o Fluminense está aí, já. Vai disputar o segundo ano, já, aí. No Campeonato Paulista. Depois de tantos anos, conseguiu ascender à... Isto é ótimo. Torço para o Fluminense. Gosto do Palmeiras. Para mim... Joguei em alguns times, tenho o maior respeito. Gosto de todos os times. Fiquei muito contente que a Portuguesa subiu, também. Agora, triste pelo Palmeiras. Porque, o Palmeiras, eu acho que... Vamos esperar que agora, aí, em 2012, o próximo ano, as coisas possam melhorar. Que possa haver uma pacificação. Não está havendo uma pacificação em todas as favelas, em tudo isso aí? E no Palmeiras? Tem que haver uma pacificação, também. Não é possível essa política que existe no clube, que só prejudica o futebol. Eu estou torcendo para o César Sampaio, agora, chegando aí e tal. É um cara do bem. Eu fico torcendo para que, pelo menos, ele possa dar um jeito nisso daí. Porque uma equipe como o Palmeiras pode não ganhar, mas tem que estar disputando lá em cima, como os outros grandes, também.

F.H. – Você circula muito no Palmeiras, nos bastidores, como você estava falando. Você consegue ver esse problema, mesmo, de disputa política?

J.C. – Não, eu fiquei quatro anos, como eu disse. Há um ano que eu estou fora. E, agora, também, nem frequento porque está tudo em obra, lá, também. Mas, como eu participo dos veteranos, então eu viajo com o clube e tudo isso, mas não conheço bem os bastidores do Palmeiras. Nesses quatro anos, é evidente que você, como está ali dentro, vê tanta coisa. Então, a gente percebe isso daí, que eu acho que precisa haver uma pacificação entre os grupos da política do Palmeiras. Porque muita gente diz que não, não tem influência. Tem influência, sem dúvida nenhuma. Então, você, trabalhando tranquilo, tudo isso e tal, a sua produção vai ser bem melhor. Eu acho que é isso que está faltando. Está faltando, ali, um... Não um Zagallo. Lembra o que eu falei do Zagallo? Não. Precisa de um cara de pulso, ali, para poder resolver essa parada. Então, a gente vê, agora, essa contratação, a chegada do César Sampaio... Quem sabe? Isto daí pode ajudar bastante. É o que a gente espera.

F.H. – Leivinha, e a seleção? Você acompanha? Você continuou vendo, depois que você parou? Você pegou um período do Brasil...

J.C. – Não, não, não. Estou acompanhando tudo. Eu estou em tudo e torço muito para o Mano Menezes. Eu acho que ele é um cara que merece o nosso respeito. A gente sabe que não é fácil a mudança que está tendo na seleção, depois do último fiasco. Formar uma seleção, você sabe que não é fácil. Principalmente aqui, no Brasil. E sabendo que a Copa vai ser aqui. Quer dizer, mais responsabilidade ainda. E o Mano Menezes está procurando, dentro do que é possível, armar uma seleção. Acho que está encontrando dificuldades. Muita dificuldade. Porque a verdade é esta: nós já não temos mais jogadores como antes, não. Então, não vai ser nada fácil... Ainda bem que está surgindo um Neymar, que é um garoto espetacular, que a gente sabe que tem que aprender muito ainda, mas este é craque. Então, a gente espera que um Ganso, por exemplo, que possa dizer adeus às contusões, porque este aí também é um grande jogador. Agora, não é fácil. O que o Mano está testando, de tudo quanto é lado, está chamando jogador e tudo isto... As coisas são complicadas. E, agora, acho que, em 2012, já tem que ter um padrão. Já tem que ter uma equipe. Tem que acabar com esse lance. Acho que tudo isto foi experiência, a gente tem que respeitar. Eu acho que a imprensa, também, tem que dar um tempinho, ter um pouco de paciência, não exigir tanto... Agora, não. Tem que passar a exigir agora, a partir do ano que vem, porque, aí, já começa a formar uma equipe e tem que ser só aquela, para preparar, justamente, para a Copa do Mundo. Eu não sei. Eu acredito no Mano. Sinceramente, eu acho que ele é um cara que fala legal, ele é um cara ponderado, é um cara que reconhece as coisas. Eu torço muito para que dê certo.

F.H. – E com o Lucas? Você conversa muito com ele?

J.C. – Não. Eu não converso tanto com o Lucas. Eu converso mais com o pai dele, o meu irmão. Eu acho que o Lucas, ele é um garoto que merece tudo o que ele está passando, porque ele tem uma determinação incrível. É um garoto jovem que deixou de lado muitas coisas da juventude para se dedicar com tanta seriedade ao futebol. E, isto, ele está demonstrando. É um cara que tem a confiança do treinador, é um garoto... Não é nenhum craque fora de série, mas é um cara que, dentro da posição dele, eu acho que faz por merecer a titularidade. Porque é um cara que está ali, que desarma, que luta, que briga, que obedece ao treinador... Então, eu estou gostando dele. Eu acho ele legal. Eu acompanho ele desde juvenzinho, quando era infantil. Este teve times de

base. E eu acho que ele teve uma ascensão maravilhosa, pelo [inaudível], pela vontade que ele teve. Então, está se dando muito bem no futebol inglês, em que teve dificuldade de adaptação, no início, mas, hoje, já está perfeitamente adaptado. E conseguiu ganhar a torcida do Liverpool. Então, é um cara que merece sucesso.

F.H. – Para encerra, Leivinha, a gente costuma perguntar sobre 2014. Você já falou da parte do futebol, do que você espera da seleção, mas a gente também pergunta em termos de Brasil: organização, a política, o que você espera para a Copa, o que vai acontecer até lá, o que tem que ser feito...

J.C. – Eu gostaria que... Bom, estão tirando esses caras que dizem ser corruptos e não sei o quê. Estão saindo. Mas tem que tirar mais gente. E, sinceramente, eu gostaria que pudesse ser feita uma grande Copa, mas não dá para confiar nesse presidente da CBF. Será que ele vai estar até lá? Eu não sei. Agora, eu espero que possa ser uma grande Copa. Eu não sei se, sinceramente, o Brasil tem, realmente, condições de fazer uma grande Copa. A gente... Sei lá. Eu acho que esses estádios, que... Quanto tempo demoram, deixam tudo para a última hora, para que, na última hora, possam, realmente, ter muito proveito em cima disto. Quer dizer, este Brasil é um país de tanta corrupção e... Sei lá, a gente fica sempre com receio de que, para o povo, possa ser até prejudicial esta Copa do Mundo. A preocupação é esta daí. Depois da Copa... A Copa, tudo bem. A gente lembra. A gente é de uma época em que, no dia primeiro de maio, para o povo não se manifestar, armavam jogos de futebol, onde a gente era obrigado a participar, evidentemente. Então, hoje, a gente fica preocupado é com isto: será que o... Claro que o brasileiro adora futebol. A Copa do Mundo é importante, sendo aqui e tal. Agora, e depois? O mundo não vai acabar com a Copa do Mundo. E depois? Será que vai ter um legado, isto daí? Como é que vai ser? Então, a grande preocupação é esta. Eu espero que esse meu pessimismo não aconteça e que as coisas possam fluir de uma maneira que o povo, a gente, de um modo geral, não possa sofrer depois.

F.H. – Acho que é isso, então. A gente agradece, Leivinha.

J.C. – Obrigado. Eu é que agradeço.



Centro de
Referência
do Futebol
Brasileiro



F.H. – Muito obrigado.

J.C. – Um abraço. Beleza, gente?

F.H. – Ótimo.

(FINAL DO ARQUIVO III - FIM DO DEPOIMENTO)